

CONSIDERAÇÕES FINAIS - PARA ONDE APONTAM OS DESAFIOS

Procuramos aqui a partir das discussões apresentadas vislumbrar algumas pistas para encaminhar nossas reflexões que buscam arrematar, provisoriamente, essa dissertação

Pareceu-nos bem desenvolvida a proposição da construção do sujeito e a preocupação em construir o projeto próprio de desenvolvimento pessoal e profissional, porém não se vinculou essa construção do sujeito com a descoberta e recusa da condição de objeto.

A competência humana de fazer-se sujeito defendida por Demo tem como primeiríssima tarefa o desafio negativo de destruir a pobreza política, a mesma consciência crítica defendida por Paulo Freire na educação libertadora, na qual o sujeito nega aceitar-se como objeto. Segundo Demo, tudo começa com a capacidade de dizer não. "Não à condição de massa de manobra. Não à manipulação imposta pelas elites. Não aos governos clientelistas e corruptos. Não ao Estado tutelar e assistencialista. Não à pobreza política e material."⁵⁷

Os professores, ao desenvolverem a competência de fazer-se sujeito, trabalharam com os jovens a importância de fazer-se oportunidade, porém apresentando uma visão mais voltada para o indivíduo, na análise do contexto local. Os aspectos críticos e reflexivos apontados nos conteúdos e nas falas dos docentes estão restritos ao entorno onde os jovens estão inseridos. Não percebemos uma reflexão mais ampla para espaços estruturais maiores focalizando a conjuntura nacional ou as causas da exclusão vivida por eles. Alguns jovens até citaram que foi incentivada a leitura de jornais e revistas como meio de informação e aumento do conhecimento, o que mesmo indiretamente indica uma forma de busca.

A oportunidade, defendida por Demo, aponta para a necessidade da organização política coletiva, porém os professores relataram nas entrevistas as dificuldades de

⁵⁷ *Cidadania tutelada e cidadania assistida*, p.133.

se trabalhar com os jovens as concepções teóricas e as reflexões críticas. Apontaram que tentaram trabalhar os problemas relacionados à saúde, à falta de escola no bairro, a falta de saneamento básico, mas essas questões despertavam pouco interesse, com exceção da falta de escola que os incomodava muito. Os professores reiteraram essa observação indicando que os jovens estavam num nível mais concreto de análise do contexto. Percebiam que a preocupação dos que participaram do Programa em Paraisópolis era se inserir de imediato no mercado de trabalho, queriam trabalhar e tinham muita dificuldade de associar esse conteúdo de cidadania, de participação com a necessidade de emprego. *"Eles estavam mesmo eram mais preocupados em estudar, terminar o colegial e arrumar um emprego, coisa bem individual"*.

A concepção de cidadania trabalhada se refere predominantemente à cidadania individual. Não desmerecemos o valor dessa cidadania individual, pois fazer-se sujeito é o ponto de partida para novas construções. ademais devemos ainda considerar suas idades, jovens de 14 a 19 anos.

Nas turmas de 1999 foi apontado um trabalho do grupo, durante os seis meses de curso, voltado às questões relacionadas à saúde no bairro, trabalho este liderado por jovens do próprio grupo. Nessas turmas foram identificados dois jovens com perfil de liderança política muito forte, críticos, para trazer questões, para apontar e conseguir enxergar a realidade da comunidade. Com a ida dos jovens para a estação de vivências, o movimento enfraqueceu, o grupo se dispersou e o trabalho não teve continuidade.

A referência à consciência e reconhecimento de seus direitos e deveres foi bastante ressaltada nas falas dos jovens e de um dos professores, porém não foi dado realce ao nível de direitos e deveres abordados, que nos pareceram limitados e aparentemente dentro de uma visão neoliberal.

O desenvolvimento da auto-estima como elemento que favorece a construção do sujeito foi muito bem assimilado pelo grupo de jovens, assim como a construção do plano pessoal e profissional. Percebemos com muita frequência as manifestações

dos egressos apontando mudanças relativas à percepção e reconhecimento de suas qualidades e o desprezo ao sentimento de inferioridade que os acompanhava.

A busca por condições que poderiam favorecer o ingresso no mercado de trabalho foi o motivo que levou a maioria dos jovens contatados a participar do Programa. Os jovens envolvidos nesta pesquisa acharam muito valiosos os conhecimentos aprendidos no Programa. Mesmo os desempregados souberam distinguir e dar importância aos conhecimentos vivenciados, ressaltando que, embora desempregados, os conhecimentos lhes foram muito úteis.

Todos os jovens que participaram desta pesquisa concluíram o ensino médio, com exceção de uma aluna que teve os estudos interrompidos por gravidez, mas que continua estudando. Devemos ressaltar que estar estudando em curso regular é condição para participação no Programa.

Os jovens foram estimulados a traçar um projeto de vida e muitos incluíam em suas metas a ampliação do nível de estudos. Apesar dos esforços individuais para alcançá-la essa meta foi atropelada por fatores sobre os quais os jovens não têm controle e dos quais são vítimas. Percebemos a aspiração dos jovens a um nível de escolaridade maior, porém está muito nítido, para eles, as condições de inferioridade com que entram nesse processo.

Eles expressaram suas insatisfações ante a educação a que têm acesso, o descrédito na escola pública e expuseram, com muita nitidez, a tensão entre educação e trabalho, como fatores que os excluem do acesso às escolas públicas de nível superior e, conseqüentemente, às melhores oportunidades de trabalho.

Os excluídos pelas políticas sociais perversas tornam-se excluídos de oportunidades de continuidade dos estudos, o que os dificulta a exercer uma atividade produtiva rentável e, por conseqüência, melhorar sua qualidade de vida. A melhor qualidade de vida individual e coletiva está diretamente relacionada à educação, às questões de saúde, moradia, alimentação, lazer, trabalho e meio ambiente.

As transformações que ocorreram no mundo do trabalho, com os novos processos de organização do trabalho, com a introdução de novas tecnologias alteraram não só o modo de trabalhar, mas também impuseram mudanças nas qualificações dos trabalhadores, nas condições de trabalho. As novas tecnologias impõem exigências mais elevadas de escolaridade e mais competência pessoal; exige-se um trabalhador polivalente com múltiplas qualidades pessoais, com capacidade de adaptação a novos processos, participativo, entusiasta, que tenha facilidade de comunicação e de desenvolver trabalho em equipe. Essas exigências tornam a demanda por emprego cada vez mais seletiva, excluindo desse processo aqueles que já se encontram excluídos pelas barreiras culturais, pela falta de experiência, por uma escolaridade insatisfatória, o que corresponde ao perfil dos jovens de Paraisópolis.

O fato de se adotar-se um paradigma relacionado às competências ligadas à produção e serviços, tais como a capacidade de analisar, interpretar, resolver situações novas, trabalhar em equipe, e outras citadas neste trabalho, não justifica que estas sejam desenvolvidas de modo restrito, e devem, sim, estar integradas a todo desenvolvimento humano, ampliando as demandas culturais do trabalhador.

É necessário também que se dê a devida atenção às metodologias com as quais esse conhecimento é desenvolvido. O sujeito da educação deve participar, ser o agente ativo na construção e nas diretrizes do conhecimento, para que esse pensar, analisar e construir seja pautado num saber crítico e participativo.

Para o Programa, o conhecimento é um bem imprescindível não apenas para ler o mundo, mas para entender o mundo, para conhecê-lo e construir algumas certezas sobre ele e, principalmente, para reconhecer que o ser humano não é vítima de fatalidades; existem determinantes dos problemas vividos individual e coletivamente, que precisam ser estudados e conhecidos, para que possam ser solucionados.

O SENAC procurou com esse Programa amenizar o quadro de exclusão dos jovens de baixa renda, porém não tem condições de resolver as distorções decorrentes de políticas públicas discriminatórias, que favorecem a perpetuação da exclusão e a manutenção da condição de marginalização. Os objetivos do Programa só se

concretizarão, com maior abrangência, se houver mudanças nas políticas públicas sociais, nas propostas e interesses governamentais e também daqueles que detêm o poder econômico, ampliando as possibilidades de promoção das vítimas, dos oprimidos, não se esquecendo de que é necessário participar e reivindicar para que tais mudanças ocorram.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOWICZ, Mere. *Avaliando a avaliação da aprendizagem - um novo olhar*. São Paulo: Lúmen, 1996.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas ciências naturais e sociais - pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2ª edição, 1999.
- AQUINO, R. S. L.; VIEIRA, F. A. C.; AGOSTINHO, C. G. W. e ROEDEL, H. *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.
- AZEVEDO, José Clóvis. *Escola cidadã: desafios, diálogos e travessias*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BENEVIDES, Maria Vitória de M. *A cidadania ativa*. São Paulo: Ática, 3ª Edição, 1998.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.
- BUENO, M.S.S. *Políticas atuais para o ensino médio*. Campinas: Papyrus/FAPESP, 1998.
- BUFFA, Ester e outros. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.
- BURNS, Edward MacNall; LERNER, Roberto. *História da civilização ocidental - Do Homem das cavernas às naves espaciais*. São Paulo: Globo, 2001.
- CANDAU, Vera Maria e outras. *Tecendo a cidadania*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Editora Cortez, 3ª edição, 1998.
- COVRE, Maria de Lourdes M. *O que é cidadania*. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- DAGNINO, Evelina (Org). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DE LUNA, Sergio Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa - uma introdução*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP, 1998.

DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995.

DEPRESBITERIS, Lea. *Competências, habilidades e currículos de educação profissional*. São Paulo: SENAC, 2000.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000. Trad. de Ephraim Ferreira Alves e outros.

_____. *Filosofia da libertação: Crítica à ideologia da exclusão*. Trad. de Georges I. Maissiat. São Paulo: Paulinas, 1995.

GIORDANI, Mario Curtis. *História dos reinos bárbaros - Idade média III*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERREIRA, Nilda T. *Cidadania um questão para a educação*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERRETTI, Celso. João *Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: anos 90*. In: Educação e Sociedade. Campinas: UNICAMP, 1997.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

_____. *Conscientização*. 3ª edição. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 23ª edição, 1999.

_____. *Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 9ª edição, 1998.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 20ª edição, 1992.

_____. *Política e educação*. 3ª edição. São Paulo: Cortez.

_____. *Professora sim tia não*. São Paulo: Olho d'Água, 9ª Edição, 1998.

- _____ & SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FINLEY, Moses I. *Democracia antiga e moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *A produtividade da Escola Improdutiva*. São Paulo: Cortez, 5ª Edição, 1999.
- GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. (Org). *Educação de jovens e adultos - guia da escola cidadã*. 2ª edição. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.
- KUENZER, Acácia. *Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *Pedagogia da Fábrica*. São Paulo: Cortez, 2ª Edição, 1986.
- _____, Calazans, M.J.C.; Garcia, Walter. *Planejamento e Educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 5ª Edição, 2001.
- LEITE, Elenice Monteiro. *El rescate de la calificación*. Montevideo: CINTERFOR, 1996.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica, 1986.
- MACHADO, Lucilia Regina de Souza. *Traçalho e Educação*, Revista do NET, nº 4, 1998.
- MOTA, Myrian Becho e Braick, Patricia Ramos. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil - da colônia à república*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- _____. *História geral*. 7ª edição. São Paulo: Saraiva, 1995.
- _____. *História geral: moderna e contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1995.

PILETTI, Nelson. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1972.

ROPÉ, Françoise e TANGUY, Lucie (Orgs.). *Saberes e Competências*. Campinas: Papirus/FAPESP, 1997.

SEGATTO, José Antonio. *História e cidadania*. In Stein, Leila Menezes (Org). *Cidadania e Educação*. Cultura Acadêmica - UNESP. 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, José A *Curso de direito constitucional positivo*. 18ª edição. São Paulo: Malheiros Editores, 2000.

SILVA, Leila M. (Org). *Cidadania e educação: leituras em direitos humanos*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.

SILVA, Luiz H. (Org). *A Escola cidadã no contexto da globalização*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Nelson. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (Coord.) *A Construção da cidadania*. Org. - Departamento de Sociologia da UNB. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

VÁSQUEZ, Adolfo S. *Ética*. 19ª edição. Trad. de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação profissional - legislação básica*. Brasília: 5ª Edição, 2001.

SENAC, *Catálogos e material didático do programa educação para o trabalho*. Centro de Educação Comunitária para o Trabalho do SENAC. São Paulo.

SENAC, *Cartas de Educação Comunitária*. Publicação Bimestral do Centro de Educação para o Trabalho do SENAC. São Paulo: nº 29 novembro/dezembro, 2000, nº 21 agosto/setembro, 1999, nº 11 setembro/outubro, 1997.

SENAC, *Folders*. São Paulo.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues. *História moderna & contemporânea*. São Paulo: Ática, 1992.

VICENTINO, Claudio. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997.

Revista Brasileira da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação [anped]. São Paulo: nº 5 e nº 6, mai./dez., 1997- Número Especial. *Juventude e Contemporaneidade*.

Revista de Educação AEC, nº104, jul/set, 1997.

Revista de Educação AEC, nº106, jan/mar, 1998.

Revista de Educação AEC, nº 107, abr/jun, 1998.

Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, nº 100, jan/mar, 1990.

PLANFOR - Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador. Diretrizes de Planejamento 1999/2002, Ministério de Trabalho e Emprego, Brasília, 1998.

Censo da Educação profissional - 1999. MEC/Semtec/Inep: Brasília.

Legislação Consultada

Lei nº 4.024, de 21 de dezembro de 1961

Lei nº 7.044, de 11 de agosto de 1971

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997

Resolução CNE nº 02/97

Parecer CNE/CEB nº 15/98

Parecer CNE/CEB nº 16/99

Resolução CNE/CEB nº 04/99

Fontes Eletrônicas

www.ibge.net/censo/default.php

www.seade.gov.br/cgi-bin/hpseade/tema_prod.ksh?tema=CDV

www.mec.gov.br/home/legislacao/default.shtm#leis

www.inep.gov.br/censo/default.htm

www.inep.gov.br/enem/pisa/default.htm

www.pisa.oecd.org

ANEXOS

- 1 Entrevista com a coordenadora geral do Programa**
- 2 Entrevista com os dois professores - coordenadores.**
- 3 Entrevista com jovens.**
- 4 Questionário**
- 5 Análise do questionário**
- 6 Transcrição do seminário**
- 7 Fotos da Favela de Paraisópolis**

Anexo 1 - Entrevista com a coordenadora geral do programa

O Programa é anterior ao CCT. Na realidade nós começamos a trabalhar em cima do PET em 1992, quando eu fui para a UNIFORT. Eu trabalhava na gerência de Artes e Serviços Pessoais, coordenava e supervisionava um trabalho na Unifort, a montagem da primeira jornada de Educação Comunitária, que fizemos com a USP. Quando a gente começou a vislumbrar um trabalho já no terceiro setor.....: aí quando houve a descentralização eu fui a primeira a ir para a UNIFORT em função desse trabalho.

Jacira- O que era a UNIFORT?

R- A UNIFORT surgiu em 73, com o objetivo de ..., foi desenhada tendo como parâmetro a UNIMOS do SESC. Que era composta de quites móveis que iam para a cidade e aí eles movimentavam as organizações, as prefeituras, numa atividade sociocultural e esportiva também, ou mais, teve um grande sucesso no interior. Onde não tinha SESC tinha a UNIMOS e ficava um ano....ou mais. Quando o professor Amim veio para o SENAC em 73, ele quis fazer alguma coisa semelhante, então foi montada a UNIFORT> A UNIFORT também tinha quites multiprofissionais, geralmente tinha profissionais de todas as áreas mais comuns, aquelas nas quais o SENAC atuava naquela época: beleza, hotelaria, administração, escritório, estética, maquiagem, saúde. Então montava-se uma equipe, tinha um coordenador e toda uma estrutura de sala de aula. Iam par aos locais onde não existiam meios...e aí faziam trabalho de um ano. A UNIFORT era muito grande, tinha várias equipes e ela sobreviveu desta forma até 83. Em 83 a UNIFORT passou pela primeira divisão e alinhamento do seu trabalho.

Por quê?

Porque a gente percebia que a nossa clientela era de baixa renda, grande parte de nossa clientela era de baixa renda, perfeitamente caracterizada; um contingente muito grande de mulheres, adolescentes e poucas pessoas, principalmente na área de hotelaria tinha idosos e desempregados.

Por quê mulheres?

Porque as mulheres no final dos anos 70, início dos anos 80, começaram a se mexer numa perspectiva de complementação da renda familiar. Esse movimento foi muito grande na periferia, então eram as pessoas que procuravam o SENAC, devido ao desemprego. Naquela época as mulheres começam precisar sair de casa para trabalhar, tem essa ligação com o econômico social da época.. No final dos anos 70 começaram os maridos a ficarem inseguros, perderem o emprego..., então elas procuravam os cursos do SENAC. Pra gente foi muito forte esse movimento, porque eram cursos menores; tínhamos um programa mais curto, mais focado e com características dessa clientela: da mulher e do jovem. O jovem começou também a ir prematuramente para o mercado. Em 83 nós começamos a trabalhar uma programação mais enxuta o pessoal tinha urgência de ir para o mercado. Fizemos uma parceria com o Estado. Fizemos o curso de pré-profissionalização; se percebia uma necessidade do jovem, que ele ia precisar logo de uma atenção maior. Foi

quando fez o convênio chamado pré-profissionalização . O SENAC preparou os multiplicadores nas escolas, para estarem...nesse mundo do trabalho. Esse programa da profissionalização marcou a grande virada da UNIFORT em 83.

Jacira- Se estou percebendo essa profissionalização vai ser o princípio dessa história de hoje, porque ali que vocês começam a trabalhar com os jovens?

R- Não necessariamente. É...eu acho que sim, é...isso pensando do meu ponto de vista. Eu acredito que isso....mas nem todos da equipe. Eu acho que eu me influenciei muito, inclusive eu não gosto desse nome 'educação para o trabalho'. O nome que tinha escolhido para o Programa no início e depois fui vencida era de competências básicas para o trabalho, foi quando a gente começou a trabalhar o foco, começou tirar o foco do conteúdo para começar trabalhar as competências.

Jacira- Não ficou o nome do programa, mas ficou o conteúdo do Programa...

R- Exatamente. Em 83 ele passou entãoe ficou centrado aqui na Grande São Paulo. O enxugamento da UNIFORT, que era uma Unidade extremamente cara, porque os funcionários daqui iam para o interior, então tinham direito a diárias, tinha todo um custo com infra estrutura que era muita grande.

Jacira- E esses cursos da UNIFORT eram gratuitos?

R- Gratuitos. E a Unifort nesse novo formato começou a perceber que ela fazia além disso. O fato dela estar dentro da comunidade, ela gozava de uma autoridade, dava palpites na administração, ela ficava muito próxima das entidades, principalmente daquelas que sediavam o trabalho e as outras organizações também, pediam para ajudar a montar projetos. Isso tudo foi o começo de um grande trabalho comunitário, que na época já era, talvez a gente não tivesse tanta consciência disso, a gente não trabalhava tão sistematicamente o conceito de educação, mas a idéia da UNIFORT já era um trabalho comunitário, era o SENAC na comunidade. Sempre foi esse o mote..., tivemos carreta, tivemos vagão da FEPASA, foi uma experiência muito interessante. Ela ficou os anos 80 até 93 trabalhando essa linha, buscando parcerias, com uma programação já diferenciada, algumas áreas que permitiam não só a inserção das pessoas no mercado, via emprego, mas também geração de renda. Nós trabalhamos autônomos, micro empresas. Então a programação tinha esse foco já nos anos 80. E nós percebíamos, começamos a sistematizar esse trabalho que a gente fazia por estar na comunidade. Então se a gente está na comunidade, se a gente tem uma relação muito íntima com a comunidade, então vamos ajudar. Foi quando começaram as grandes campanhas com a comunidade, a campanha do câncer de mama. Fizemos campanhas maravilhosas. Começamos com as feiras de saúde, feiras de beleza, onde a UNIFORT fazia grandes eventos, ..e aí essas campanhas, principalmente em alguns municípios da grande São Paulo marcaram toda cidade. Fizemos campanhas imensas, por exemplo a campanha do câncer de mama, na qual todas pessoas da comunidade participaram. No começo dos anos 90, a UNIFORT começou esse movimento aí no Terceiro Setor, mas a gente não falava Terceiro Setor. O que a gente percebia era o seguinte, estamos prestando um serviço, estamos ocupando um espaço que está sendo deixado e elas precisam de apoio para isso.

Jacira- tem um espaço tem alguém órfão no meio do caminho.

Neusa- A UNIFORT começou a trabalhar em cima disso e nós trabalhávamos no GASE- Gerência de Artes e Serviços Pessoais e nosso gerente era o Jarbas. Então o Jarbas falou olha poderíamos estar tentando fazer um trabalho com a UNIFORT para discutir isso e achei interessante e tal... e nós começamos a fazer, chamamos o pessoal, foi bem recebida a idéia e começamos a trabalhar a primeira jornada de educação comunitária, que fizemos em parceria com a USP, isso foi em 1992. Para gente foi um marco, porque a gente começou a perceber com essa jornada, que nós tínhamos condição de fazer um trabalho muito maior e melhor do que o que a gente faz, detínhamos uma tecnologia baseada nesses anos todos de trabalho. Foi quando nós reestruturamos, contratamos uma consultoria permanente, o professor Moacir Gadotti e começamos a discutir um pouco a proposta da Unidade. E por um lado também, porque a gente já via algum descontentamento na Diretoria Regional. Quer dizer naquela época depois de 20 anos de UNIFORT, já tínhamos Unidades em muitas cidades do interior, já tinham várias Unidades aqui em São Paulo, então a UNIFORT naquele formato, e era um trabalho totalmente escondido. Com a primeira jornada comunitária, para a qual a gente trouxe profissionais do Peru e do Brasil inteiro para estar discutindo a educação comunitária, pela manhã tinham as discussões e a tarde eram apresentadas experiências comunitárias interessantes. Nós tínhamos 10 oficinas, com a experiência concreta, oficinas onde o organização vinha falava de sua experiência e ficava a disposição das pessoas duas ou três horas, ...e despertou eu acho uma nova forma de trabalhar. Aí com o professor Gadotti e o Jair Militão a gente foi trabalhando a equipe e a gente montou, eu considero a primeira idéia do CCT- Centro de Educação Comunitária do SENAC. E foi quando organizamos a nossa programação: um núcleo que era Trabalho e Renda, um núcleo de Educação Comunitária e um terceiro núcleo desenvolvimento de eventos educacionais comunitários. Trabalho e renda a gente começou trabalhar em cima dos públicos prioritários nossos que era o jovem, que era a mulher, que era o pequeno empreendedor, as pessoas que estavam querendo iniciar um empreendimento e eram também os idosos que necessitavam complementar a aposentadoria.

Jacira- ou às vezes nem tinham aposentadoria.

?

R- Exatamente. Então montamos isso e aí a primeira virada metodológica. A gente percebia que precisávamos não só trabalharmos os conteúdos específicos, mas também os conteúdos mais formativos, quer dizer, a auto estima das pessoas que estava lá embaixo; a aparência para ir par o mercado, a comunicação. Porque essas pessoas não tinham a menor condição nesse mercado se sofisticando. No núcleo de Educação Comunitária sistematizamos as campanhas e percebemos que poderíamos estar trabalhando não só assuntos de saúde, mas outros assuntos como a comunidade como espaço coletivo, a importância da participação, o voluntariado, cooperação, a educação no trânsito, educação ambiental. Então fizemos uma listagem do que poderíamos estar fazendo na comunidade e sistematizamos também a forma de entrar na comunidade. Como fazer isso sem violar os hábitos, os valores da comunidade. E assim foi fizemos o curso com o professor Jair Militão e com o professor Moacir Gadotti sobre educação comunitária, onde a gente começou também a perceber o que estava latente, como que eu vou fazer uma leitura da comunidade. Essa foi a primeira coisa que a gente percebeu,

olha nós temos uma população diferente, o trabalho educacional na comunidade deve ser diferente as necessidades são outras.

Jacira- O público tem outro perfil.

R- Começamos a discutir em grupo, com todos os grupos, para mudar nossas programações; vamos trabalhar com jovens, ah, sim, mas vamos dar curso de secretária júnior, auxiliar de escritório....? O mercado está mudando!....., recepcionista de consultório médico,...eram coisas assim muito ..., era uma previsão muito triste...; pensávamos será que as meninas que estamos preparando para recepcionista de consultório médico vão exercer essa profissão? Vão conseguir emprego..? Elas não tinham a aparência que procuram. A gente tinha certeza que elas iam procurar emprego e não iam conseguir. O máximo que algumas conseguiam era ser balconista na 25 de março, num esquema muito escravo mesmo, ... e os docentes traziam isso e nós ficávamos muito preocupadas.

Jacira- E esse público era de onde?

R- Era da periferia e da Grande São Paulo. Com relação aos meninos percebíamos também que eles não se empregavam como office-boy como esperado. Nós pegávamos o jornal e estava lá a exigência ,para *office-boy*: 2º grau , boa aparência, conhecimentos de informática; isso nós vimos já na primeira pesquisa em jornal;...nós estamos formando meninos de Itapevi, trabalhávamos aqueles bairros perto de Alphaville, aqueles bairros lá atrás de Alphaville. Não vai acontecer.....!!!!, não vai conseguir...!!!E eram muitos pontos.....

Jacira- Como que ele poderá atualizar um arquivo, se não sabe ligar um computador, se não sabe interpretar as mensagens recebidas?

R - Exatamente...ele não tem a aparência e não tem a comunicação..... Isso era uma coisa que deixava todo mundo muito mal. ; mas vamos mexer na seleção....se a menina for bonitinha, então a gente vai selecionar só bonitinha.....; não, a educação é direito de todos. As discussões eram homéricas e fazíamos muitas reuniões.

Jacira- Isso aí me fez lembrar de uma das minhas primeiras atividades no SENAC, participar da seleção para o curso de garçom e aí me orientaram: "aquele lá não pode porque ele não tem dente, como poderá ser garçom sem dente?"

R- É uma atividade difícil, para quem trabalha com seleção com população de baixa renda, esse é o grande drama.

Jacira - Aí você pensa não adianta dar o curso para eles, vão ficar aqui tantos meses, quando sair não vão ter emprego. Precisamos atentar para o que está do lado de lá. Vai piorar a situação deles, a auto-estima vai ficar lá embaixo.

R - Então. Qual a proposta? Estávamos fazendo revisão em toda proposta; estudando cidadania, o pessoal devorando livros da Maria Vitória Benevides, fazendo discussões em grupo. O professor Moacir Gadotti vinha uma ou duas vezes

por mês, discutíamos..., isso continuava. Começamos e mexer na programação: coloca isso, coloca aquilo,... vamos colocar aí apresentação pessoal....! Mas é muito difícil você trabalhar apresentação pessoal num esquema profissional como uma matéria. Eles vão pensar que estão dando apresentação pessoal, porque a minha apresentação não é legal. Adiantava falar para os meninos que precisava usar desodorante, se eles não tinham dinheiro para isso? Que eles precisavam ir ao dentista? .. Como?

Isso voltava sempre às discussões. E com as mulheres a mesma coisa. Mas com relação às mulheres e os idosos isso era um pouco mais tranquilo, porque as mulheres estavam sendo preparadas para atividades que elas faziam em casa. Então quem eram as nossas clientes?

Para cursos de cabeleireiro, manicure, na área de hotelaria, confeitaria, as mulheres que faziam salgadinhos. Também tínhamos um grande problema, ...sobre todos os conceitos de higiene, onde a gente coloca?

Se ela vai fazer salgadinho par fora naquele fogão que ela tem em casa, que não tem as mínimas condições de higiene. Então era sempre muito discutido. Aí resolvemos que nós iríamos fazer o primeiro projeto com os adolescentes. Mexemos no trabalho, na metodologia, mas não ficamos contentes, principalmente com os cursos para os jovens. Os outros cursos para micro empresários , para idosos, ficaram legais, a gente conseguiu se achar. Agora com os jovens a gente não conseguia. Eles precisavam....., não tinham idade para ser um empreendedor, para montar um pequeno negócio.. O caminho deles era a prestação de serviço, o caminho deles era o mercado de trabalho. E foi quando começaram a sair.....o professor Moacir Gadotti trouxe algum material da França sobre competências, as competências básicas. Começamos a trabalhar o que eles necessitavam,olha ...o que os meninos precisam..... A gente tem que trabalhar o conceito de estética, porque eu lembro que os docentes falavam, eles estão lá na periferia, numa escola caindo aos pedaços, numa casa, que é um barraco; aí você quer que eles sejam um office-boy ou um mensageiro, numa empresa onde tem carpete, onde tem ar condicionado. Olha é impossível. E tudo para eles era besteira. Eles contestavam isso., isso é frescura do patrão, porque eu fui lá com o tênis sujo, mas eu só tenho esse, aquelas coisas. No final de 93 nós resolvemos parar. Falei chega de remendar curso. Temos que parar e vamos ver o que está acontecendo no mercado...Vamos entrevistar esses meninos vamos ver o que está acontecendo. E na época houve uma grande evasão, o pessoal não queria saber de escola e precisavam trabalhar. E aí porque deixam a escola?

E em função de todas essas discussões que nós fazíamos, eu desenhei o primeiro modelo desse trabalho. Então a gente pensou num núcleo central, e não era ainda entrelaçado com as oficinas; as oficinas entravam antes ou depois.

Jacira - Hoje o núcleo central permeia todas oficinas, então antes eram como compartimentos separados.

R- Fizemos um desenho, onde tinham as competências básicas, cidadania, os cinco elementos permanentes que eram a comunicação, cidadania, educação ambiental, o resgate das competências básicas de matemática, raciocínio e as quatro operações, direitos humanos e coletivos; o que é a comunidade, a importância da participação, trabalhada nos direitos. E aí nós tínhamos as oficinas. Este primeiro modelo....., depois iam para as....o que a gente chamava de estágio...

E depois desse estágio nesse primeiro modelo, esses meninos poderiam escolher, ou eles fariam os cursos do SENAC, ou poderiam ser encaminhados para o SENAI, ou para outras atividades específicas de trabalho. E quem quisesse ficar na área de comércio e serviços, ficava. E aí pensamos mil coisas.

Jacira - Era um público pequeno nessa época?

R - Já era bem grande. Esse Programa foi trabalhado por o CCT- Centro de Educação Comunitária, que na época já tinha mudado. Quando nós mudamos o nosso currículo a gente já mudou para o CCT. Quando nós fizemos esse desenho, estavam separadas as competências específicas, das competências.....,

Jacira - Pelo que eu percebi as competências foram montadas ou definidas partindo do perfil do aluno ingressante, da necessidade do mercado de trabalho e aquilo que ia favorecer a porta aberta, não era só aprender.

R- E aí nós colocamos esse primeiro modelo na mão do sociólogo Leo. E falamos Leo se vira, faça um questionário, queremos que você discuta esse modelo com professores, com empresários, com docentes de escola pública e com os meninos. E o Leo saiu com aquele modelo falando das competências básicas, o que eles achavam...E foi muito interessante. Entrevistou alguns especialistas entre eles a Spósito, o Celso Ferreti, a Maria Estela, em fim nós procuramos todas as pessoas que nós achamos interessante, que trabalhavam com adolescentes. E depois ele escolheu quatro grupos de jovens nas regiões; não foi bem uma pesquisa foi um levantamento. E aí ele trouxe para a gente quase que confirmada a nossa história. Ele detectou alguma coisa, que eles detestavam a escola, O professor de português trouxe também uma riqueza muito grande de informações, das insatisfações desses alunos, por isso que eles largavam as escolas. Que eles não gostavam de emprego no McDonald's, era muito ruim vestir uniforme, aquilo lá era uma babaquice, então não queria aquele tipo de trabalho. Não tem trabalho no escritório. As informações coletadas foram muito ricas e a gente falou, o desafio não é só estruturar um currículo novo, a gente vai ter que trabalhar de outra forma. A gente procurou fazer um currículo que respondesse às necessidades levantadas, que fosse agradável para não ter evasão que partisse da cultura do jovem e não do educador, e que abra, discutam uma vida melhor para esses jovens. Porque a desesperança era uma coisa assim que nós percebíamos em todo mundo.

Jacira - Não podia ser um curso com aquela imagem de sala de aula de escola.....

R - Quando a gente elaborou a primeira fase em 1996 a apresentamos para o gerente que a incluiu nos projetos estratégicos, porém nas definições orçamentárias de 1996 o Programa foi cortado; acontecendo o mesmo no ano seguinte. Quando o José Luiz Gaeta paixão assumiu a UNIFORT e esta já passava por um realinhamento, ele olhou o Programa e disse pode tocar e autorizou a contratação de pessoas para reforçar o grupo e ajudar a formatar esse Programa. Foi muito legal, trabalhamos muito, muita discussão e quebra pau. A Bete Fadel que integrou ao grupo dez outras visitas e trouxe um pouco mais do que o mercado estava precisando. Nós tínhamos reuniões sistemáticas com a Bete e depois a Bete trouxe a Janete para ajudá-la.

Mas o bom do trabalho era que à medida que o trabalho foi sendo elaborado os docentes que estavam no campo já começaram a introduzi-lo. Então tudo que se escrevia eles já adotavam. Isso foi uma riqueza para o Programa. E quando a gente falava isso já foi feito Bete e não deu certo e aí falava...vamos colocar esse filme, olha é muito grande, olha a forma de trabalhar, divide o filme assim.....; discutíamos, falavam ainda não cheguei nesse ponto aí o outro ia lá e aplicava, falava foi bom, deu certo, então foi tudo muito testado. A participação desses docentes foi muito importante, porque eles no campo era assim; "porque eu tenho uma turma de secretária júnior as meninas estão muito feinhas. Suzete você precisa ir lá. Vamos bolar uma coisinha para a gente dar para elas.....Outro professor dizia tenho uma turma que está com o espírito lá embaixo, nós precisamos dar uma mexida, aí ia uma que era psicóloga fazer um trabalho. Eles foram trabalhando isso e passando essa experiência.

Jacira - Então eu posso dizer que os conteúdos nasceram das vivências nas programações que ocorriam no dia a dia no CCT.

R - Exatamente.

Jacira - A medida que iam ocorrendo aquilo servia de base, para definir estratégias, definiam conteúdos, a partir do que era vivenciado em programas, não especificamente nesse, mas em Programas do CCT.

R - E sem estrutura; houve na época uma grande movimentação, os docentes começaram a gostar dessas idéias,. Porque aí falavam assim não mas estou com um grupo de mulheres que acontece a mesma coisa; então vamos introduzir essa oficina lá, pra eles também e introduziam Eles detectavam a necessidade e entre eles da equipe se viravam, se juntavam, isso foi de uma riqueza imensa. Foi um aproveitamento de experiências e lógico que tudo era muito questionado, tudo.

Jacira - Posso falar que dessa experiência do acompanhar a ação no dia a dia nasceu toda a programa e metodologia do Programa?

R - Sem muita consciência

Jacira - mas no fundo, a origem _____

R - O desafio já estava colocado, fazer uma coisa agradável para o jovem

Jacira - vocês sabiam que a rotina não agradava, não segurava; os programas conforme estavam estruturadas na rede SENAC, também não se adequavam a esse perfil de aluno.

R - E quando nós estabelecemos os princípios metodológicos que a gente queria para o Programa, 70% dos docentes que estavam com a gente já começaram a buscar isso. Se eles iam dar um conteúdo eles vinham perguntar se tinha um filme sobre aquele conteúdo e já traziam a discussão. Exemplo como trabalhar o "rap", lá tem um "rap" bonito, vamos ver o que eles estão querendo dizer. O resgate do conhecimento....; eles foram trazendo e eles traziam pra gente já a experiência vivida, isso foi muito importante.

Durante um ano nós discutimos isso. A gente escrevendo e anotando.....

Jacira - experiências vividas nos Programas do SENAC na periferia.

R - E as coisas eram aleatórias. Aleatórias em termos, porque a cada dois meses tinha um docente com um novo formado para o Programa. Os docentes pegavam parte das coisas que estavam sendo discutidas e levava. Não estava nada estruturado, nada; muita coisa inclusive às vezes inadequada, porque eles as apresentavam num novo contexto. Não sei se também inadequado, porque eles tinham participado das discussões, então provavelmente Tivessem também as adequado para aquele novo contexto. Essa movimentação foi durante um ano, aí o Programa recebeu a primeira forma geral- Estrutura.

Jacira - Eu vou registrar que ele foi estruturado em ação.

R - Quando montamos o primeiro modelo ainda não tínhamos escrito o manual. Nós tínhamos os textos, tínhamos toda o parte como trabalhar cada um dos textos; as atividades estavam montadas.

Aí surgiu a oportunidade de parceria com a Bolsa de Mercadorias de Futuro- BMF. Nós apresentamos o programa, falamos é um Piloto, e toparam.

Jacira - la ser minha próxima pergunta, se teve um projeto piloto. Se já nasceu como é hoje ou se teve um piloto que foi sendo aperfeiçoado chegando ao que é hoje?

R- Teve um projeto piloto. A gente na BMF estava inaugurando com uma estrutura muito interessante, com equipamentos, com uma sala de informática. Os meninos tinham uma situação muito favorável., ideal. E aí, nós tivemos outra turma numa organização social, onde a gente não tinha todas essas condições da BMF. A organização alugou uma sala para informática, os alunos iam para a escola fazer.....; era uma sala acanhada. A gente optou por isso pelo simples motivo: a equipe aí de coordenação: Bete, Janeth e eu e quem participava mais diretamente, o Sérgio também nós nos dividíamos. A Bete falava se não desenvolvesse numa estrutura ideal, ele parecia ser igual aos outros. E nós falávamos não qualquer lugar que esse programa acontecer, vai ser legal, porque o diferencial está na estrutura, na forma que você está trabalhando. Então resolvemos fazer o piloto.. Nas 6^{as} feiras após as aulas, a gente se reunia, todos os docentes da turma da BMF e da turma da organização social e relatavam as ocorrências da semana, o que deu certo, e já fazíamos as modificações. Isso ocorreu durante sete meses.

Jacira - Um grupo ia para Bolsa e outro era fixo lá em Itaquera, eram dois grupos distintos? Um deslocava e ia para a aula na Bolsa?

R - Não. Eram totalmente independentes, um acontecendo aqui, um acontecendo aqui e outro acontecendo lá.

Jacira - Mas os dois com público de periferia? Só que um você levava para a Bolsa e outro você deixava lá.

R - Exatamente esse era o diferencial. Isso para a nossa avaliação foi muito importante. Vinha para a Bolsa, meninos de toda São Paulo, lá em Itaquera, os meninos do entorno, da própria comunidade de Itaquera.

Jacira - E quantos jovens em cada destas duas experiências.

R E foram acompanhados semanalmente. Nós tínhamos uma semana com a coordenação do Núcleo Central e a outra semana com as oficinas. Foi muito interessante quatro, cinco horas de reunião todas as sextas-feiras.

Jacira - Eu poderia falar então que a primeira experiência definida como modelo já como Projeto Piloto foi essa de Itaquera e da BMF. Por que até então ele era uma estrutura em ação. Porque ele nasceu daquela experiência que era trazida, discutida no dia a dia nas ações de vocês, essas ações geraram um projeto, que foi o Projeto Piloto.

R - Exatamente. E aí a experiência comprovou que dava certo, tanto na Bolsa lugares ideais, como na periferia. Com vantagens e desvantagens nos dois lugares. Então na Bolsa a gente tinha todas as situações muito interessantes aconteceram como o previsto, mas o desenvolvimento da criatividade em Itaquera, da solidariedade foi muito maior.

Jacira - Em Itaquera ele estava com o grupo dele, vivia um problema idêntico do dele.

R - Os meninos chegavam e diziam vamos discutir isso. Eles mesmos se organizavam. Foi muito legal. A gente viveu algumas situações mágicas lá em Itaquera nessa primeira turma. Por exemplo, uma menina, na oficina de aparência pessoal, no *workshop* de cabelo e pele, ela cortou uma pontinha do cabelo para crescer um pouco mais; a monitora falou que o cabelo precisa estar sempre cortado para ter força. A mãe da menina tirou a menina do Programa. O grupo se organizou e foi falar com o Pastor; queria uma autorização do pastor..... Tem mil coisas interessantes. E o grupo da BMF, ficou mais claro pra eles, mas mais artificial o conteúdo da cidadania. Ficou até meio artificial. Coisa que em Itaquera não ficou, ficou mais real. Por que lá na Bolsa eles não estavam no contexto deles e tinham jovens de várias culturas. Na Bolsa eles tinham ali três refeições por dia, tinham esporte, tinham ajuda de custo. A coordenadora da BMF conseguiu um convênio com o BANESPA para que cada um recebesse R\$ 50,00 (cinquenta reais) de ajuda de custo e eles usavam o cartão do banco, tiravam R\$ 2,00 (dois reais) para a condução. Tinham condução, eles faziam um trajeto muito grande de condução. Os jovens da BMF, foram muito mais questionadores e de Itaquera muito mais solidários. E se percebia claramente quanto as coisas brotavam de forma diferente. Tudo muito legal, porque em cima dessas coisas foi feita a primeira ajeitada no Programa. Só depois sentamos e escrevemos definitivamente o Programa. Foram substituídos textos, aumentado carga horária.

Jacira - Quanto tempo durou essa experiência com essas duas turmas?

R- Ela durou seis meses.

Jacira - E começaram paralelas?

R - Começaram no mesmo dia. Durou um pouco mais de seis meses, porque teve na BMF um problema com um docente de saúde. Esse docente não entrou na metodologia do Programa, manifestava uma postura autoritária, e os jovens não aceitaram, fizeram carta de reivindicação, que estavam sendo... Porque na BMF eles foram também muito questionados; a coordenação com toda sua boa vontade, mas inexperiente. No café da manhã tentava mudar os hábitos alimentares e uma vez serviu panqueca com geléia de manhã e eles jogaram fora. E aí o docente ligou pra mim e perguntou o que eu faço? Respondi, senta e trabalha com o grupo. Fala pra eles o seguinte, coma..... O problema da comida é cultural, e a coordenadora está tentando é exatamente e depois várias ponderações resolveram fazer um cardápio. Eles queriam pão com presunto e queijo..... Isso serviu para a gente trabalhar muito esse conflito que a gente chama de estético. Os banheiros da BMF eram lindos, todos brancos, com azulejos de baixo para cima..... Na primeira semana de aula eles entupiram todos os banheiros com papel higiênico. E aí toca a trabalhar o espírito de

Jacira - Não foi de propósito, foi falta a de hábito?

R - Foi de propósito, foi testando os limites e pra se achavam..... O fato de você dar direito, falar de cidadania com eles, eles chegaram ao outro lado, saíram daqui e foram para lá. Traze-los aqui foi bem difícil. Teve de tudo nessa turma. Surgiram várias situações difíceis e aí reuniram o coordenador da aula, coordenador do Núcleo central, docentes, que sentavam, com eles, discutiam e chegavam a uma solução. Ai teve problema de novo nos banheiros, aí chegaram a seguinte conclusão: a próxima vez que os banheiros entupissem, que era para mandar consertar e descontar do dinheiro que eles recebiam de ajuda de custo. Nunca mais teve problema nos banheiros e eles chegaram a essa conclusão. Em fim tudo foi entrando nos eixos, tudo, tudo. Esses se deslumbravam com tanta mordomia, com tanta atenção, então foi muito difícil, o que não aconteceu em Itaquera.

Jacira - Em Itaquera eles tinham um desconto na alimentação na ACM, e era quase que total.

Foi muito interessante a experiência e tudo isso sendo trazido para discussão. Algumas coisas a gente introduzia, outras coisas não. Problemas sérios como o caso dessa menina, que ficaram muito preocupados, porque a menina ficou extremamente mal, chegou em casa, a mãe dela acabou com ela por causa do corte de cabelo, com o professor, com todo mundo. Tanto é que o grupo que organizou; foi muito interessante essa experiência. É uma pena que a gente não tenha documentado isso. A gente fazia isso como um cotidiano de trabalho nosso. Foi muito bom.

Jacira - Vocês estavam muito mais preocupados em atingir ou solucionar o problema naquele momento, do que fazer um registro. A medida que vocês atingiam o objetivo não se preocupam se aquilo ia ficar pra história, ou servir de modelo não foi a preocupação do momento.

Jacira - Esse Programa saiu da esfera de São Paulo e tornou conhecido fora.

R - Quando ele tomou forma de Produto, então o diretor regional olhou e falou, ficou muito bom, vamos trabalhar e vai para o estado inteiro.

Jacira - Mas isso foi outro lado; fora do SENAC, em Congressos, em debates de trabalhos comunitários, o Programa não a ser reconhecido?

R- Foi depois. Eu apresentei em várias oportunidades de trabalho; numa feira que foi feita pelo DEAC, num fórum internacional do DEAC.

ANEXO 2 - Entrevista com os professores-coordenadores

Entrevistado: Professor-coordenador 1

Professor do Núcleo Central das duas turmas do Programa Educação para o Trabalho na favela de Paraisópolis, em São Paulo, Capital, no 2º semestre de 1998. O Núcleo Central conforme já foi mencionado na estrutura curricular é uma disciplina que permeia todas as demais disciplinas e é desenvolvido durante todo o Programa. O objetivo principal da entrevista foi procurar identificar a concepção de cidadania que foi trabalhada no Programa e como foi trabalhada.

Qual a concepção de cidadania que foi trabalhada no programa com os jovens?

O Programa trabalhou o conceito de cidadania, de acesso a bens, de direitos a recursos, de direitos, a serviços, através da possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Esse é o aspecto de cidadania que está mais enfatizado no programa, na tentativa de facilitar os jovens de acessarem recursos pela possibilidade de trabalho. Em Paraisópolis pela característica... falando a grosso modo, acho tem outros aspectos que estão aí presentes no Programa de maneira mais sutil pela característica de pertencerem a uma comunidade mais coesa dentro de Paraisópolis. É uma comunidade onde você percebe que existe uma reciprocidade entre os membros que a compõe. Existe lá uma associação de bairro estruturada atuante. Eu ampliei esse aspecto de cidadania e procurei dar mais ênfase ao aspecto de cidadania em termos de participação social e participação política mesmo. Eu procurei dentro do Núcleo Central desenvolver atividades onde os garotos tivessem mais acesso aos problemas que existiam na comunidade, porque eu tenho uma especialização em saúde pública.

Qual a sua formação?

Sou psicólogo e tenho uma especialização em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública, da USP...

Então eu estava com essa coisa muito presente e caminhei um pouco para isso. Antes eu fui docente de saúde (docente de saúde na oficina de saúde do próprio Programa de Educação para o Trabalho) antes de assumir o Núcleo Central. Eu tinha toda uma leitura de saúde, num aspecto mais amplo que a de qualidade de vida, não da ausência de doença. *Eu procurei dar esse enfoque de qualidade de vida e participação social e política dentro da comunidade*, porque senti que ali propiciava isso. Eles hesitaram por fazer um reconhecimento dos problemas, das dificuldades que existiam na comunidade; procurei levar esses jovens às lideranças comunitárias que existiam, associação de bairro, iniciativas que existiam lá como o Hospital Albert Einstein, que tem um trabalho comunitário lá dentro, e a própria entidade onde o curso foi desenvolvido, o Mosteiro São Geraldo, cuja Diretora tinha uma conscientização bastante interessante..... Procurei trazer esses jovens para essa ação mais comunitária, identificar os problemas é poder atuar não numa versão individualista mas mais coletiva. Então o trabalho era esse, que eles tivessem um

contato maior com políticas públicas e soubessem o que estava sendo executado lá e o que não era executado lá, tanto no aspecto da saúde, quanto da educação.

Esse lado assim da situação, do perfil do jovem, que era um jovem (que se a gente volta a Paulo Freire) oprimido ou o excluído das melhores condições, das melhores oportunidades no mercado, oportunidade social, oportunidade de trabalho, de estudo; quer dizer você passava essa reflexão, sobre essa situação dele; o que poderia mudar partindo dele mesmo?

Sim era isso, eu para te dizer a verdade nas turmas que eu peguei eu tive dificuldade para fazer essas reflexões. Eu senti assim que eles estavam num nível mais concreto de análise de contexto. Eu percebi que eu tive que retroceder um pouco a realidade deles, eu não consigo identificar se é uma característica, eu não sei identificar, não posso dizer a população excluída, se ela tem essa característica, acho que eu não chegaria a dizer isso, mas eu já trabalhei com outras turmas que elas tinham um grau de análise subjetiva, um pouco mais complexo e outras não. Acho que não poderia dizer que é característica da população de baixa renda, não daria para dizer isso. Só que eu percebo que tem um dado ali que eu poderia contribuir para isso que é assim eles são uma comunidade fechada, sentem ali dentro de Paraisópolis uma segurança por estar lá dentro. Os jovens ali dentro sentem dificuldades para acessar outras coisas que estão fora daquele contexto. Os pais não deixavam que as meninas saíssem para bailes que fossem fora da comunidade de Paraisópolis, porque sentiam que tinha um perigo fora da comunidade. Eles não identificavam o perigo lá dentro. Lá dentro não, para eles o perigo estava fora. Lá eles tinham segurança e eu sentia que eles tinham uma segurança real lá dentro, porque existia lá, eu não sei nem dizer o que era, porque existia lá um capitão, um justiceiro, alguma coisa assim que ele controlava de fato a violência na favela. A gente que trabalhava lá dentro podia circular tranquilamente; você não via uma polícia andando lá dentro, você se sentia totalmente seguro lá dentro. Eu não sei como é o quadro hoje, mas naquela ocasião era assim totalmente seguro.

Eu posso entrando em contato com essa associação, ter contato com esses jovens e entrar lá numa boa, desde que eu vá indicada?

Desde que percebam você como uma pessoa interessante dentro da comunidade, que está trabalhando para a educação da comunidade, você tem livre trânsito ali sem nenhum problema, acaba sendo uma figura conhecida lá dentro. E a gente saía para fotografar a comunidade, entrava na casa do pessoal. E o Mosteiro São Geraldo ele também tinha ali um papel importantíssimo dentro da comunidade. Todo mundo que trabalhava lá dentro tinha o mesmo respeito que o Mosteiro São Geraldo tem lá dentro. Então era um trabalho tranquilo, eu senti que desenvolvi um trabalho bastante interessante embora eu não tenha percebido resultados imediatos. Tiveram algumas iniciativas de grupos de jovens, mais pontuais, de participação em distribuição de cesta básica para uma determinada área ali.

Não porque depois de nossa conversa, eu vou montar o trabalho com eles, vou verificar com eles, o que ficou? Que mudanças ocorreram a partir do que você desenvolveu; Então alguém poderia ter usado aí uma cidadania num sentido revolucionário, e não foi isso. Foi um sentido de participação, formação de

grupos, direitos, deveres, então é isso que eu tenho que verificar no meu contato com eles. Eu vou ver então até quanto essas mudanças ficaram...que resultado surtiu em cima do que você trabalhou. Por isso que é muito importante pra mim saber o que você trabalhou, qual enfoque você deu? Que trouxe para o grupo?

Foi mais ou menos nessa linha que procurei desenvolver a questão da cidadania. Eu percebia que a preocupação do grupo de jovens era se inserir no mercado de trabalho. Eles queriam trabalhar e tinham muita dificuldade de associar esse conteúdo de cidadania, de participação com a necessidade de emprego.

Eu procurava também tempo para fazer uma ponte da importância que tem isso, o que significa trabalhar coletivamente. O que significa você desenvolver alguma atividade de acordo com o diagnóstico do problema que existe e pensar em formas complexas de resolver um problema, o quanto isso poderia ser importante para o mercado de trabalho também. Eu percebia que eles percebiam que as melhorias da condição dele ver se com o trabalho, mas com as mudanças, com a leitura crítica, do meio que o cerca, a partir dessa concepção.

Então o que eu posso interpretar, , é a imagem do concreto mesmo, é aquilo assim 'eu não estou para muita teoria, eu preciso do emprego, me ensine alguma coisa para eu chegar ali e conseguir o emprego'. Ele não via assim...se tiver um posto de saúde aqui, que me dê melhor atenção, ou se tiver um bom dia de lazer eu vou chegar mais tranquilo na entrevista, para conseguir trabalho, ou a vida não é só trabalho. E talvez o trabalho ligado a condição um pouco miserável dele, porque é o trabalho que iria dar lhe dinheiro, seria isso, o concreto ligado ao material?

Exatamente. Ele precisava de retorno financeiro o que ia dar o financeiro para ele era o trabalho.

Então a primeira preocupação dele não era o social, era como vou conseguir trabalho, porque é do trabalho que eu vou conseguir dinheiro e o dinheiro que vai melhorar minha condição de vida. Era essa linha de pensamento?

É essa linha de pensamento. Foi muito marcante lá o depoimento das meninas, coisa que eu não percebi em outros trabalhos que desenvolvi. A perspectiva de vida delas estava muito associada à idéia de casar e ser sustentada pelo marido. Não tinha perspectiva muito profissional; era trabalhar, ganhar um dinheiro, mas depois o que elas queriam mesmo era casar, tomar conta da casa e o marido assumir, sustentar. Eu não sei se isso era de alguma forma ligado à essa coisa cultural que deve aparecer ali.

É isso que eu estava ligando, porque você falou que a comunidade é uma comunidade fechada, então o horizonte deles também é restrito, ela não se vê saindo dali e expandindo para outros lugares. Ali se educa e ali vai desenvolver sua família.

Tem uma garota que escreveu para mim outro dia, ela está trabalhando com hotelaria em Santa Catarina. Ela, se destacava no grupo pela capacidade intelectual e crítica. Continua estudando, estava fazendo curso de hotelaria em Santa Catarina,

ganhou bolsa de uma entidade. Tinham garotos de 14 a 18 anos que podem parecer garotos que moram numa favela, são também ligados a droga, esse tipo de característica não existia, eram jovens às vezes muito trancados em casa, porque a mãe não abre muito. Todos estudavam, porque é um princípio do Programa ,não houve nenhuma restrição, não indagava na seleção se era usuário de droga, se mexia com tráfico, etc... e até isso é impossível alertar.

Mas mesmo eles estando mais ligados ao concreto não chegavam a trazer um problema da comunidade, repetirem alguma coisa que tivesse ocorrido lá e trazerem para o debate dentro da sala, ou relatando ou pedindo sua opinião, você não notava isso às vezes?

Notava, mas era bem esporádico, bem raro, eles estavam mesmo eram mais preocupados em estudar terminar o colegial e arrumar um emprego, coisa bem individual.

Exemplo: um assassinato que teve no período que eu estava lá, logo demonstraram preocupação, entendeu?

A essa condição de trabalho que ele buscava e que poderia partir da condição que você levava seus papos lá com eles; por exemplo ele reconhecer que para conseguir o trabalho ele deveria estudar, então a partir daquilo que você passava, ele passava a perceber a necessidade do estudo, ou a importância de continuar estudando?

Sim, a questão do estudo era um dos elementos que usava para trabalhar a questão do acesso a bens, bens que ele fala não é bens de consumo mesmo, é a serviços públicos. Porque eles tinham lá uma dificuldade que era a falta da escola de 2º grau, só tinha uma ou duas escolas, uma escola Municipal e uma Estadual senão me engano de 1º grau. Para estudar tinham que estudar, em escolas do entorno, porque o Estado não abria uma escola de 2º grau lá. Isso incomodava muito eles. Eles traziam, a gente não tem escola aqui, temos que estudar fora. Em parte até era bom, pois saíam de lá. Lá eles tinham um campo de futebol, quando saíam iam a baile ali mesmo, com preço que eles podiam pagar, saíam super pouco lá de dentro e a escola era essa oportunidade.

O grupo era bem eclético, tinha aqueles que não tinham grana para nada, outra era filha do farmacêutico local e essa já era, já tinha muito mais acesso à informação, tinha computador em casa. Tinha aquelas meninas mais imaturas que eu digo, querem mesmo é jogar um futebolzinho, não estão preocupadas com os outros e já aquelas outras pessoas que estão preocupadas em ir para universidade, tinha de tudo. Alguns aspectos de visão cultural, essa coisa de casar e ter filhos, que eu percebia que era mais uma característica local, que era muito presente dentro de Paraisópolis. Mas em linhas gerais a análise que eu tenho, é que o fato delas estarem morando ali em Paraisópolis, não destoava de outros grupos de jovens que eu trabalhei em outros locais.

O comodismo.....tinham essa percepção de melhoria da qualidade de vida relacionada com o estudo, com a postura ou com a mudança deles, você percebia isso?

Eu sinto que eles sabiam que só iam conseguir uma colocação melhor no mercado de trabalho através do estudo. Eu sentia que eles tinham essa clareza, mas que não iam muito além de um 2º grau para poder trabalhar, não perder muito tempo com o estudo não, o suficiente para poder estar no mercado de trabalho. E ai chegava um comodismo. E ai eles traziam essa coisa de estudar é muito tempo, é coisa para quem pode, não tenho condições de pagar, estudar é coisa para quem tem grana, porque eles se julgavam com limitação para entrar numa escola pública e ao mesmo tempo sabiam que pagar R\$ 400,00 que era o preço de uma faculdade, não era para eles.

Então eles não tinham muito essa visão. E aí se acomodavam não pensavam o que fazer para reverter ou mudar essa situação?

É isso, não pensavam muito como fazer.

Sair dali, fazer um curso de línguas, procurar assim mesmo um lugar que ele pudesse ter um curso gratuito, isso não passava pela cabeça deles?

Alguns deles até faziam, alguns faziam e era via as entidades que atuavam na comunidade. Ou por uma bolsa de estudo que eles conseguiam na escola, tipo essas de computador...ou o Mosteiro que conseguia alguma bolsa de estudo, ou o próprio Mosteiro tinha um curso de computação lá dentro, a maioria das coisas lá dentro.

O Mosteiro é dentro da favela, tinha no Mosteiro um curso de marcenaria que a maioria dos jovens locais também já tinham passado.

**Do que você falou ficou para mim que eles já tinham um ponto de vista definido, firme e que em seis meses não era possível que você mudasse, você podia tentar passar, mas eles pensavam vou trabalhar ganhar dinheiro
Com relação aos problemas sociais que existiam na comunidade, eles manifestavam alguma coisa?**

Tinham uma preocupação com a questão da violência, que era muito grande lá, mas quando pintava uma coisa ou outra, percebia uma preocupação.

A questão da dificuldade de emprego, o desemprego era grande dentro da comunidade. A questão do saneamento básico, tinha uma parte da favela que não tinha. Às vezes traziam essas coisas. Eu procurava mesmo a partir do que representava emprego trabalhar as instituições sociais, para não perder de vista a ansiedade deles de mercado de trabalho ali, a partir de uma coisa descolada da pretensão deles. Então a partir dessa busca de trabalhar o mais rápido possível, eu procurava passar o que representava historicamente o trabalho, como surgiu historicamente aquela comunidade ali. Eles traziam muitos dados históricos de como foi fundada, como surgiu aquela favela. E eles tinham a característica de se darem muito bem com a comunidade do entorno ali da favela, porque tem uma coisa absurda acaba a favela já tem uma mansão de alto luxo.

E eles não se sentiam discriminados por falar assim onde você mora? Uma coisa é falar assim eu moro em São Mateus, outra coisa é falar assim eu moro em Paraisópolis, porque Paraisópolis é uma favela.

Às vezes eu percebia a auto-estima assim um pouco mais baixa por pertencer, eu tenho receio de dizer às vezes eu percebia umas coisas. Mas eu percebia assim que eles se davam muito bem como por exemplo com o Paes Mendonça que empregava muita gente de Paraisópolis. Eu percebia que existia um medo muito grande dos moradores locais, dos proprietários ali das mansões em volta, dos empresários. Tinham uma preocupação muito grande de melhorar um pouco a qualidade de vida da favela, porque sabia que ali era uma ameaça para eles muito grande. Percebia sempre uma disposição muito grande de estar contribuindo, estar empregando. Moradores das mansões sempre empregavam alguém da favela como jardineiro ou na empresa do proprietário. E eles conseguiam promover uma boa vizinhança, que era segurança para a vida deles.

E eles conseguiam, os moradores das mansões eram sempre muito bem vistos, era aquele que empregava. No geral toda favela era muito grata aos moradores das mansões, ao Albert Einstein que tinha um trabalho ali, sem muita crítica e qual era a contra partida. Era muito mais presente uma relação de gratidão do que qualquer outra coisa. Às vezes eu dava uma provocada para trazer outra análise, mais para ampliar a análise crítica, sem querer instigar, só para dar uma provocada. E essa questão da origem da favela, qualquer morador sabe contar um pouco da história. A filha de um morador casa e continua morando lá, não quer sair de lá, então eles ficam ali numa coisa meio tradicional e vão se desenvolvendo lá mesmo. Eles acabam criando um vínculo comunitário bastante forte.

Então isso que você tentava passar, dessa união isso já era alguma coisa que já existia lá, porque se já era forte esse espírito solidário lá dentro.....Já tinha Associação de Bairro forte....

Levei o grupo para fazer uma entrevista com o Presidente da Associação do Bairro, e ele era extremamente descontente com a participação popular. Disse que não tinha muita participação mesmo. A conclusão que eu posso tirar disso é que existe uma questão em termos de solidariedade, mas num nível pessoal de relação afetiva. Em termos de organização política não, mas uma relação afetiva mesmo, que se estabelecia entre todos os moradores, ela não tinha a dimensão de organização política. Eu considero a favela de Paraisópolis pelas coisas que ela conquistou, uma das favelas mais organizadas politicamente. Tem liderança comunitária, tem uma participação forte das entidades que estão atuando ali. Mas acabei ficando contaminado por tudo o que essas entidades traziam como dificuldade. Era difícil organizar uma reunião, era difícil convocar a comunidade para estar participando; eram mesmo umas lideranças que traziam uma diferença muito grande. E acha que elas tem essa organização um pouco maior também por incentivo de quem está fora da comunidade. Tem um investimento financeiro grande ali, então quem diria que eles são organizados, mas não diria que eles tenham uma consciência política, embora eles tenham uma organização aparente.

Existe coerência no que você está falando de não ter percebido esse lado político forte desenvolvido lá dentro, com o comportamento dos alunos. Se eles não estavam despertados para esse lado nem estavam afim de se preocupar com isso, tem a ver com esse seu depoimento. Isso aparecia em lideranças isoladas, dentro das famílias isso era um lado amortecido e não passava para os filhos e havia uma acomodação dentro da própria situação.

Era uma coisa assim que eu percebia, estou tentando traduzir aqui o que eu sentia em relação a como eram. Às vezes eu percebia que eles eram organizados porque tinham uma série de recursos, tinham entidades, mas eu não percebia uma coisa política espontânea da própria comunidade. Eu percebia também que algumas lideranças tinham alguma resistência com alguns trabalhos de estudo. Por exemplo a USP ia lá desenvolver um trabalho, depois alguns alunos iam desenvolver uma tese lá, participavam um pouco e depois caíam fora e deixavam o trabalho encaminhado; então essas lideranças tinham um pouco de receio, levavam um tempo para consolidar o seu papel enquanto entidade fora de Paraisópolis. Tudo isso na verdade era uma forma de trabalhar a questão de cidadania e como ele podia aplicar isso no mercado de trabalho, dentro da perspectiva dele. Eu procurava trabalhar por exemplo alternativas para se inserir no mercado de trabalho. Quais seriam? Na época tinha ali um dado, que só 2% dos jovens tinham acesso ao mercado de trabalho disponível para essa faixa etária. Que alternativas eles podiam ter dentro da própria comunidade? Trabalhei a questão da formação de cooperativa. Havia uma massa de desempregados muito grande, muitos pais fazendo trabalho informais, camelôs .

Passei muita orientação relacionada a organização desse trabalho, mais voltado para o universo do trabalho. Eles foram buscar uma associação de cooperativa, para buscar essa tecnologia, para eles poderem estar criando alternativas de trabalho também.

Esse viés que você encontrava dentro desse enfoque de cidadania, como o Programa era preparação para o trabalho, mas também formar o cidadão você unia os dois. Como o desenvolvimento dele ou que ações ele poderia estar desenvolvendo pessoal ou coletivamente que favorecesse o desenvolvimento do trabalho?

Era nesse sentido trazendo a questão da realidade deles, exemplo o desemprego aqui é muito grande, então víamos como podiam estar mudando isso. A questão do desemprego na favela, em geral era um dos problemas que eles traziam. Era pensando nisso, de repente eles sabiam que iam ter dificuldades, porque os trabalhos que eles conseguiam lá, era entregar folhetos em farol ou bico de encher bola numa fábrica de bola, trabalho sem nenhuma qualificação também que eles pensassem em alternativa de trabalho.

Voltando ao início...à concepção e fundamentação de cidadania que é trabalhada.....

O Programa dá essa possibilidade deixa um pouco aberto essa questão, para aplicar de acordo com cada realidade, para não cercear seu trabalho, mas é claro que você atua um pouco mais o conceito de cidadania, entende um pouco melhor o que representa isso, cidadania para quem, para que não seja só um "slogan", que funcione para o público alvo que você está trabalhando e também considerando o contexto também. Quando eu cheguei em Paraisópolis eu senti que esses eram os aspectos da cidadania que seriam interessantes trabalhar lá, e fui desenvolvendo isso com o grupo de acordo com o que fui percebendo ali.

Porque você trabalhou só a cidadania ligada ao emprego, ao trabalho, já que você só tinha seis meses. Você conseguiu junto com o grupo obter tanto para

uma consciência de classe, para o cooperativismo, para a união de ações, para ter mais força para conseguir as coisas, seria nesse sentido?

Esses aspectos que eu percebi que eram mais frágeis a partir da demanda que eles traziam e pelo o que eu percebi da comunidade nesses seis meses. Acho que foram esses aspectos da cidadania que eu procurei desenvolver, e coisas que eu achei que eram importantes. São aspectos amplos que eu acho que vão utilizar em qualquer trabalho. Fazer uma leitura das atividades que eles estão desenvolvendo até mesmo dentro do universo de trabalho e saber atuar a partir daquela leitura...

Sobre a segurança, a violência não foi trabalhado nada, ou eles até eram fechados para tratar esse aspecto?

Foi trabalhado o que o Programa prevê. Esse aspecto da violência, naquele grupo, naquele momento não era o mote principal ali, não aparecia. Aparecia a violência muito camuflada com essa coisa deles não saírem da comunidade. O medo estava externo à comunidade, à favela. A violência lá dentro estava controlada....diziam que tinha um justiceiro que dava uma segurada na onda mesmo. Historicamente, antes existia, há alguns anos atrás, duas lideranças.

Paraisópolis é realmente um fenômeno a ser estudado, tem coisas latentes que aparecem e você não sabe identificar muito bem, percebe organização e ao mesmo tempo percebe que não tem essa consciência política.

Era consciência restrita de grupo, comunitária e num sentido maior de política, de governo, de sistema de governo?

A impressão que me dá é que eles eram desconectados, através da leitura que o grupo trazia. Eram muito desconectados dessas coisas de políticas públicas, a não ser pela falta da escola de 2º grau lá.

E quando você falava, em nenhum momento se sentiram despertados, que eles poderiam estar fazendo um movimento, estar reivindicando a escola que era um direito deles? No grupo de jovens não passava isso pela cabeça deles? O nível, a classe dos jovens lá, todos estudavam? E o nível dos pais? Uma era filha de farmacêutico e os outros?

Eram trabalhadores braçais, pedreiro, desempregado, trabalho desqualificado, a maioria.

Algum fato que valeria relatar?

A menina que foi para o sul.... uma menina muito tímida que a partir do curso começou a investir um pouco mais na comunicação, na forma de se expressar, foi uma das pessoas que continuou uma parceria com o Projeto Aprendiz e que teve uma participação significativa. A Denise, foi visível o crescimento dela em termos pessoais. Continua investindo em educação e que foi fruto da vivência no Programa. E assim dava para perceber outras...Muito do que consegui foi em função do vínculo afetivo. É um trabalho gratificante. Do vínculo que você constrói, da relação que você constrói é que se dá ao aprendizado. O aspecto da cidadania que você trabalha é muito por conta do local onde você está trabalhando e muito também do que o

grupo tem como necessidade de trabalhar. De repente surge acesso à informação, acesso à bens, o grupo traz isso como uma carência muito grande, esse aspecto que você vai abordar. A falta de serviço público na comunidade, a falta de acesso a recursos públicos, é esse aspecto que o grupo indica e que a comunidade indica? É esse aspecto de cidadania que você vai trabalhar. Então você não tem muito claro que aspectos da cidadania. Trabalhar isso, é trabalhar alguns aspectos da cidadania?

Vou dar um leque maior do que significa cidadania e do que pode vir a ser essa cidadania, mas é por esse caminho que eu vou, porque é isso que o grupo está trazendo, é isso que eles apresentam como carência, é isso que eles precisam de informação e a partir daí você pega um viés da cidadania. O crítico é acesso a transporte, acesso à escola, ao posto de saúde, saneamento básico, informação, você parte daí e procura ampliar o conceito, o conteúdo e tudo que cidadania pode apresentar.

Entrevistado: Professor-coordenador - 2

Foi professor do Núcleo Central de duas turmas do Programa Educação para o Trabalho, desenvolvidas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, em 1999. O objetivo principal da entrevista foi procurar identificar a concepção de cidadania que foi trabalhada no Programa e como foi trabalhada.

Qual a concepção de cidadania foi trabalhada com os alunos do programa nas turmas de Paraisópolis?

A concepção foi passada de acordo com o perfil dessas turmas. Na realidade esse adolescente vai estar formando o seu conceito de cidadão também e é muito abrangente, agente não consegue durante o Programa trabalhar todos os aspectos da cidadania ou garantir que esse adolescente saia do programa com uma visão ou um conceito formado de cidadania. Vou destacar uma característica importante desses adolescentes de Paraisópolis, que merecia ser trabalhada, que é a questão da auto-estima. O relato que se tinha das turmas anteriores é que esses jovens vinham com uma carga de preconceito muito forte, traziam isso no discurso muito forte. Até a saída para procurar emprego era difícil. A minha preocupação principal ao trabalhar a cidadania com esse grupo, foi antes de se enxergarem como cidadãos, se enxergarem como sujeitos e aí- "foram trabalhados os aspectos da identidade social, cultural e a valorização do "eu"- "eu gosto de mim, quem eu sou, eu pertencço a essa comunidade sim, é uma favela sim, eu sofro de pré- conceito sim, mas eu vou ter que sair daqui para enfrentar o mercado de trabalho e eu tenho que estar consciente de quem eu sou, tenho que acreditar no que gosto, tenho que acreditar que eu sou capaz. "Isso aparecia das mais variadas formas desde se propor uma atividade onde tinham que construir um projeto e eles acharem que não eram capazes ou em relatos como: "saí para procurar emprego e quando coloco o endereço Paraisópolis...não dão o emprego, não dão retorno. Isso se confirmou também no preenchimento da ficha de inscrição para seleção no Programa, no espaço destinado ao bairro onde moram, colocaram Morumbi não especificaram

Paraisópolis. Esse resgate da identidade, da auto estima foi um processo que foi desenvolvido durante todo o programa. Foi desenvolvido de forma integrada com todos os docentes das Estações de Trabalho, nas oficinas. Focando ainda esse aspecto da auto-estima, quando a gente pensa em um conceito de cidadão com aquele grupo de Paraisópolis ,além da auto-estima, a gente tem que trazer para eles *eu sou um sujeito portador de direitos* e aí essa questão de direitos não dá para aparecer distorcida, trazer uma discussão desvinculada do contexto onde eles estão inseridos, porque (de relatos em relatos.....).*eu sou portador de direitos, mas eu continuo sem emprego, continuo morando em condições precaríssimas.* Nessa questão da própria moradia, do contexto onde eles vivem nós desenvolvemos um trabalho que foi muito interessante. Os direitos não vêm desatrelados dos meus deveres, então o que eu faço para melhorar essa comunidade onde eu vivo aqui, é aqui que eu vivo. Para eu sair desse contexto tem todo um mecanismo desde a minha procura de emprego, o que eu faço para lidar com essa realidade aqui, para melhorar as condições de vida e minha condição de vida enquanto adolescente, as condições de vida da família como um todo.

E eles eram alertados de que eles poderiam fazer alguma coisa para minimizar essa situação?

Durante o programa foram desenvolvidos projetos e atividades pelos próprios adolescentes focando a questão da saúde. Fizeram caminhadas pelo bairro observando as questões ligadas à saúde, o que chamava atenção no percurso era apresentado para o grupo o que era observado, tais como: esgoto a céu aberto, ratos, crianças brincando no meio do esgoto; e traziam isso às vezes até de uma forma meio irônica , às vezes meio debochando da situação, mas um deboche tentando esconder a dor, o incômodo que aquela situação causava. Relacionadas a essas caminhadas, ao reconhecimento do que foi visto, foram desenvolvidas uma série de atividades em sala de aula: discussão em cima dos problemas, retratar o que viu com desenhos, com massa. A partir daí desencadeou um processo- o que é possível a gente fazer sobre o que mais chamou atenção- exemplo o lixo, o lixo espalhado pelas ruas, que provoca doenças, que entope esgotos(quando tem) etc., e a partir daí foi proposto que os próprios jovens encaminhassem uma busca de solução para aqueles problemas. Isso gerou discussão entre todo o grupo, entre as turmas da manhã e da tarde. Convidaram o presidente da Associação de Moradores para análise e discussão sobre os problemas vistos, em especial sobre o lixo, o que já tinha sido feito e o que poderia se fazer. Houve toda uma mobilização desses jovens durante todo o trabalho em diversas oficinas do programa, mas o trabalho mesmo foi centrado para resolver o problema do lixo. Naquele momento ocorria em Paraisópolis um trabalho paralelo que era o "SENAC ALERTA". O Senac que estava aqui era uma outra equipe de trabalho, que desenvolvia um trabalho com o corpo de saúde de Paraisópolis. Nesse momento foi desenvolvido um trabalho conjunto e os adolescentes foram envolvidos e participaram das atividades de conscientização; distribuíam panfletos , foram de casa em casa. Eles traziam o retorno dessas atividades, das dificuldades encontradas do tipo: 'a gente bate na porta de alguém para falar do lixo e não tem tempo não querem atender, não querem conversar'. Ou o que você vai fazer? Vai falar de coleta seletiva nesse espaço aqui com todo um processo anterior, estão na rua, não tem coleta etc.. Isso desencadeou um movimento deles onde eles conseguiram se sentir enquanto sujeitos, comunidade, dificuldades. Nos grupos identificávamos com muita clareza as lideranças no próprio

grupo. Essas lideranças traziam algumas dificuldades maiores, às vezes dentro do próprio grupo como um processo de enfraquecimento. Iniciamos essas atividades na oficina de saúde, praticamente no começo do programa, eles desenvolveram isso até o final. O trabalho junto a comunidade permaneceu durante todo o programa.

Como isso era trabalhado....?

Na realidade era o tempo inteiro atribuindo a responsabilidade dos encaminhamentos para eles. O que fazia era ceder espaço no Núcleo Central para essas discussões. Por exemplo, às vezes ,eles traziam *Ah Silvana a gente marcou uma reunião, mas faltou gente a reunião não aconteceu*. Dando corpo à discussão analisavam o porque desse enfraquecimento. Cobravam dos participantes mas é normal, não era o perfil, não tomaram consciência, a gente tem como trabalhar os porques; na realidade o que eles estavam vendo, era participar mesmo de uma comunidade mesmo. Quando chegou ao final do Programa quando estavam indo para as estações de vivência esse processo foi mais forte, tinham que ir para as empresas e não sobrava mais tempo para se dedicar a essas atividades. Eu gostaria imensamente que tivesse mesmo continuado, mas sei que houve uma dispersão até mesmo pela necessidade da procura de emprego. Uma questão importantíssima para trabalhar com aqueles meninos não era à toa, mas o importante era contar o entorno. As dificuldades eram imensas, uma falta de infra-estrutura absurda, e as mansões todas cercadas ali na região, porque Uma população em condições de vida muito precárias, aquela população que nos atendemos foi uma das populações mais pobres que eu atendi no programa, com dificuldades sérias mesmo de moradia, de várias famílias desempregadas, de pai e mãe desempregadas, em condições muito difíceis. E que portanto, trabalhar o resgate de quem sou eu, para eu acreditar que eu mesmo morando na favela, tenho que partir do princípio primeiro de não negar o que fazer, eu sou, a gente sofre o preconceito, vai continuar sofrendo, não mascarar porque o se esconder aqui. Porque eu chamo de se esconder aqui, porque quando saiam para procurar emprego- o que era comum? As mães indicarem as meninas para trabalharem nas casas de família onde elas já trabalhavam, ficavam ali nas comunidades, ou em uma lojinha dentro da própria comunidade, no bar, na lanchonete, mas ali protegidos. O procurar, o acreditar que podiam sair dali, que eram capazes, que eram capazes de fazer coisas bonitas, projetos bonitos, coisas bem feitas. Isso foi um projeto difícil, porque a gente a todo momento tinha que retomar essa discussão: *eu acredito em vocês e vocês acreditam que são capazes?* O que fazer e aí o incentivo: *olha que trabalho interessante que vocês fizeram, foram vocês que fizeram*. Ou quando voltam da estação de vivência, e o retorno que davam da estação de vivência; como alunos capazes, competentes; dar essa devolutiva para eles, para eles isso era importante. Precisamos resgatar essa história de Paraisópolis, a importância ,porque não é a toa, essa falta de auto estima, essa baixa auto estima, e sem isso, esse aspecto fosse trabalhado, a gente não conseguiria caminhar com o Programa.

Você percebeu se eles passaram a acreditar que eles podiam mudar alguma coisa?

Eu acho que passaram a acreditar que eram capazes de tentar e de fazer alguma coisa. Primeiro que eram capazes de executar coisas com qualidade, acho que foi onde a gente conseguiu um resultado, de acreditarem neles. Agora de mudar

alguma coisa, mesmo nesse processo eu acho que causa frustração, porque tem a estrutura que é grupal, é do país mesmo, que eles deparam. Mas, ao mesmo tempo a gente respeitava. Quando traziam alguma dificuldade, a gente é estrutural, é difícil mesmo, tem uma série de outras questões que não são vocês que vão resolver, mas que o movimento que tem que ter e que é nesse movimento que eu cidadão, vejo o que posso fazer? Por que ficar sentado reclamando *que eu sou pobre, eu sou negro, que eu moro na favela, que eu não sou reconhecido*, não vai adiantar. Vocês podem ficar aqui durante 6 meses reclamando e daí o que vocês vão fazer com isso? O que querem com isso. A gente conseguiu um resultado, atingiu mesmo um resultado positivo na maioria o aumento dessa confiança neles, do que são capazes, que eram capazes de sair dali e produzir alguma coisa, ou de ir em busca mesmo naquela comunidade; de ter confiança, que aquela comunidade pode ser mudada, mas que cabe a eles também encaminharem (essas mudanças?). Agora independente disso, essa discussão da cidadania a gente aponta em vários outros momentos do trabalho, em situações concretas a gente fala quando se discute ética quando se discute o respeito ao outro (em situação de grupo de sala) quando se discute o próprio preconceito, aí a gente fazia um paralelo, *isso pra mim às vezes é um pré conceito em relação ao outro. Olha o que vocês pensam disso que estão falando, queixam tanto do pré- conceito, e reproduzem o preconceito aqui. E aí (trazer?) eu sou um cidadão, eu sou um cidadão consciente, e então não é só o reclamar, o reclamar os meus direitos, mas o que eu estou fazendo com essa (tortura) de vida, para ser um cidadão melhor. E isso em vários momentos, e isso era uma proposta do Programa mesmo, em qualquer atividade, ou seja em qualquer estação de trabalho, nos momentos previstos para trabalhar isto, para se discutir ética. Mas independente disso qualquer situação de sala de aula que dava espaço para o docente do núcleo central focar esta questão da cidadania, resgatar isso, a gente retomava.*

Você tem algum documento, algum texto que você tenha utilizado para trabalhar esses temas com eles?

Olha, temos alguns textos de referência do próprio programa, mas isso depende muito da situação do grupo, às vezes por exemplo: numa situação de Paraisópolis surgiu uma discussão séria, importante no grupo, a respeito do preconceito e ... na hora, na situação era uma outra atividade, surgiu a questão aí de um outro material de suporte, às vezes dá um texto, mas às vezes um vídeo, uma fita.

Como você trabalhava esses temas com eles?

Não me recordo agora....

Não tinha uma metodologia ou uma técnica própria, você aproveitava o momento oportuno com um problema do dia, com um fato da hora e aí interferia e era assim feito na base da análise, da crítica, da reflexão em cima do problema existente. Posso sintetizar que era por aí?

Pode, só que não é que não tinha uma metodologia, e até o prever(ou buscar) estas situações do cotidiano para essas discussões faz parte da metodologia adotada pelo programa.

Faz parte da proposta do Programa sair do espaço físico da sala de aula, ter essa vivência fora, perceber os problemas que estão no entorno, sempre que possível? Se é para despertar para os problemas sociais vamos ver o problema no local. Não vamos teorizar, se ele existe vamos vê-lo no concreto e a partir daí para um estudo aí; é nesse sentido? A metodologia é essa? É da vivência, não só da estação de vivência na empresa, como é definido, mas essa vivência do problema concreto sempre que tiver possibilidade para isso acontecer. Posso colocar isso não posso?

Pode. E aí dependendo da oportunidade você usa o recurso que tem disponível, é um filme que se adequa aquela situação, aquele tema que está sendo debatido” Até o uso de um texto”. A fala de alguém. O tem um material , como as situações da sala e do cotidiano trazem coisas não previstas e aí a gente complementa, vai atrás, não está assim preso aquele material didático de referência só tem que ir atrás de outras coisas que aprofundem mesmo, com características específicas para aquele grupo. Por exemplo: estar em algum momento num grupo onde a fragilidade é o aprender a trabalhar em equipe. Você vai atrás de outros recursos, porque é uma defasagem daquele grupo, então a gente não tem um suporte metodológico teórico que prevêem estas situações que dê conta de situações de toda natureza. Porque cada grupo é um grupo, mesmo no mesmo local, a turma de um turno diferencia da do outro turno.

Característica do grupo preocupação com o concreto, arrumar trabalho para ajudar a família.

Eles (entravam vêm) para o Programa com uma necessidade premente urgente de emprego. Pela própria condição de vida das famílias. Isso era uma característica marcante nas duas turmas, de terem um envolvimento.

E você conseguiu esse envolvimento com as duas turmas?

Tinham dois jovens, um na turma da manhã e outro à tarde, que tinham um perfil um pouco mais firme em questão de liderança, de colocarem. Um adolescente com perfil de liderança política muito forte, crítico, para trazer as questões, o apontar, conseguiu enxergar a realidade da comunidade...Mas era um dos alunos que mais precisava do emprego, pela condição de vida, porque morava de favor; enfim num determinado momento sem ter onde ficar morava na casa de alguém. Era um desses que mais precisava mesmo, mas era um dos mais críticos, mas isso sempre aparecia. No final do Programa, quando eles iam para a estação de vivência esses movimentos iam enfraquecendo, e essa é uma atitude que...

Eu acho que houve avanço na realidade a gente saiu com a sensação que poderia fazer mais para acompanhar mais perto.

Alguns deles procuraram depois de encerrado o Programa?

Procuraram, mas com outro caráter. O vínculo que se estabelece com o docente do Núcleo Central que estavam com eles, durante 6 meses de 2º a 6º feira é um vínculo diferenciado mesmo, acaba até passando do vínculo de docente; falavam das dificuldades deles, dificuldades pessoais, da relação com a família, das angústias, dos medos. Às vezes recebo mensagens no Bip “Eu sou o aluno tal me liga”, mas

esse retorno não dá para dar. Ou porque está com outra turma e também porque eu acho também que deve ter um certo momento para caminharem sozinhos mesmo. Saber se está trabalhando senão tudo bem, mas o desligar o vínculo do docente. Último contato com eles, setembro de 1999.

E você sabe se alguém passou a estudar, entrou em alguma universidade?

Essa informação eu não tenho. A Universidade para eles, era coisa que estava muito distante, muito, muito distante. Quando se discutia o projeto de vida, o que vocês querem fazer, desenhar sua linha do tempo. Na linha do tempo a Universidade era raro aparecer, um ou outro apontava isso, mas apontava isso quando, no máximo apontava um curso profissionalizante, porque era para satisfazer mesmo a necessidade imediata.

A preocupação com o estudo que é outro ponto que eu tinha incluído no questionário. O quanto para eles, eles passaram a perceber o quanto o estudo poderia favorecer não só para abrir portas para o mercado de trabalho, melhorar a qualidade de vida o próprio desenvolvimento pessoal, o crescer como pessoa, isso também você passou e sentiu o respaldo nisso aí?

Estudar (o tempo inteiro) até estar no Programa, estar o tempo inteiro estudando, não impede de entrar...tinha todo um trabalho de incentivo a voltar a estudar, a de estudo como uma necessidade premente mesmo até para o mercado de trabalho.(Então vendo) que mercado de trabalho é esse que a gente tem agora, véspera de mudança de que cara tem esse mercado, sem estudo dá? E você quanto cidadãos tem direito também de optar, estudar ou não estudar, mas o não estudar vai estar relacionado com seu projeto de vida, o que você quer para você enquanto cidadão no projeto de vida. *Não vou poder pagar porque não consigo entrar numa Universidade Pública, porque nós estudamos em colégio do estado, a formação que a gente tem não dá,...a gente sabe que até é verdade, mas qual era o momento(movimento) e que isso não inviabilizasse por ação, tudo bem a gente tem clareza,...não é o florir mais a situação, sei que é difícil, entrar numa Universidade, é difícil sim, mas o que é possível fazer? Você estão agora com 15/16 anos, na 8º,1º,2º colegial, tem também um projeto para pensar aí... então o que vou fazer? Eu não posso pagar faculdade, quero fazer...,então para isso eu vou ter que estudar mais, se eu sei que o colégio de Estado não me dá suporte, eu vou ter que estudar por minha conta. Então vou ter que estudar por minha conta. Então dá um jeito.. E eu vou ter que pagar uma faculdade eu tenho que trabalhar, ou eu guardo dinheiro, vocês vão ter que fazer um planejamento da vida de vocês mesmo para conseguir o objetivo que vocês querem, Porque o adolescente trás uma necessidade de ... imediato, ele não consegue ver....mas eles estejam conscientes do que eles estão fazendo, que eu vou trabalhar, que eu vou começar num cargo,...onde trabalhar, qual cargo vou ocupar, vou ser secretária de uma multinacional, espera aí gente não é assim também. Qual o percurso que vão fazer?*

ANEXO 3 - Entrevista com os jovens

Seu Projeto de Vida – Você sujeito de sua história

E com relação ao seu futuro, a sua qualidade de vida, ao seu projeto de vida, a preocupação de estar traçando o seu caminho o que você aprendeu no Programa , que possa estar te influenciando hoje?

Jovem 1 – Mostrou que eu tenho capacidade de lutar por aquilo que eu quero. Hoje estou no 3º colegial ; depois vem o vestibular. O vestibular é muito concorrido, principalmente o da USP que é público , porque eu não tenho condições de pagar uma faculdade, porém se eu quiser lutar eu tenho capacidade. Não é só , porque eu moro assim numa condição pobre que eu não tenho capacidade , mas se eu lutar eu consigo. Se eu quiser ir a luta eu consigo.

Antes eu só pensava em terminar os estudos e arrumar um emprego. Não pensava depois de terminar os estudos fazer outros cursos profissionalizantes. Só pensava em terminar os estudos e trabalhar e só nada mais do que isso. Hoje em dia é diferente.

Como você se vê como sujeito da sua história de vida. Você pode fazer a sua história?

Jovem 1 – Eu conheço algumas pessoas que desistem até de estudar, porque está difícil trabalhar e estudar então desistem. Na minha concepção eu acho que não, acho que está errado, porque eu posso estudar e eu quero estudar e trabalhar junto e sei que eu posso conseguir isso. Tudo bem que emprego pra jovem é difícil, o governo também não colabora muito, mas eu vou à luta, tem que ter fé pode ser que apareça alguma oportunidade de.

Jovem 2 - Eu tenho um projeto de vida. Faço faculdade, curso de farmácia , com especialidade em patologia clinica. Trabalhei na área um tempo, mais depois ficou difícil de arrumar trabalho na mesma área. Continuo mandando currículo porque acho importante. Para mim está claro, que se eu não me esforçar, nunca vou conseguir. Estou na faculdade graças ao meu pai, que me ajuda hoje em dia, mas se eu não me esforçar não vou passar de ano , não vou chegar onde quero. Quero formar, arrumar um emprego na área do estudo, farmácia. Ajudar as pessoas na minha área como farmacêutica.

Jovem 3 – A gente está preparada para tudo. Esse curso me ensinou muita coisa, a valorizar o que eu sou hoje. Por mais que a gente esteja numa situação complicada, a gente nunca pode se sentir inferior a ninguém. Isso eu aprendi aqui e estou com isso..... e levo isso sempre comigo, no meu cotidiano, na minha vida.

A gente deve se valorizar, reconhecer nossas qualidades, isso é importante, é sempre muito importante.

Eu já procurava emprego quando estudava, continuei procurando, não parei nenhum minuto, continuei procurando direto.

Quando terminei o 2º grau, surgiu esses cursos pra gente fazer, fiz a inscrição, mais não fui selecionada. Mas estou procurando qualquer curso que aparece.....

O programa foi super importante porque de uma forma ou de outra a gente acabou aprendendo muita coisa, mesmo em relação a nossa pessoa, isso ajudou bastante, ajudou e ajuda até hoje, porque é um curso que deu de tudo pra gente; a gente aprendeu muita coisa com ele.

Jovem 4- Eu aprendi que você tem a hora certa de falar e também tem que ter a hora certa de ouvir. Não é assim sozinha, que você vai construir a sua história, você tendo a sua opinião, você tem que ter uma opinião de outra pessoa, pra formar a sua opinião também.

O meu projeto de vida está indo bem, não está melhor porque eu não estou trabalhando, mas eu penso em arrumar um emprego; eu não penso assim já começar lá do alto porque não vai dar certo e vai ser meu primeiro emprego e eu não vou conseguir jamais uma coisa lá em cima. Sem experiência vou começar lá embaixo como todo mundo. Você começa lá embaixo e com o tempo você vai subindo.

Depois do programa passei a correr atrás do que eu quero realmente.

Exemplo de hoje: Hoje a hora que a gente foi entregar currículo, logo na primeira loja que a gente entrou o homem disse, “ não aqui vocês não vão conseguir, não adiante vocês deixarem o currículo e se isso ocorresse antes, já viria embora, começava a chorar, viria embora pra casa e não conseguia mais. Mas eu pensei não vão ser todas as pessoas que vão me receber assim, tem que correr atrás. Acho que a minha história depende dos outros e de mim. Eu faço a minha parte e você não faz a sua não vai dar certo. As tem que fazer cada um a sua parte ou fazer as duas juntas.

Hoje eu falo, ou eu sou igual aquela pessoas, se aquela conseguiu eu também consigo, porque não?

Ela não é melhor do que eu , eu não sou melhor do que ela. Somos iguais então se ela conseguiu eu também posso.

Jovem 5 - Eu sempre pensei que se eu fosse começar a trabalhar eu não iria ter muito tempo para estudar, para conseguir entrar numa boa faculdade (Porque tem que ser pública porque meus pais não tem como bancar uma faculdade particular para mim. Eu sempre pensei assim eu vou estudar e prestar o vestibular . No programa professora Silvana também me incentivava, e eu passei a acreditar mais em mim. O ano passado fiz as provas para entrar na cursinho APROVE da USP , eu fiquei tão segura, eu tinha tanta confiança que eu ia conseguir, mas se eu não entrasse nesse eu ia tentar outro, mas eu ia entrar num cursinho.

Eu trabalho como voluntária, não um trabalho para receber. Vários trabalhos voluntários

Se eu conseguir entrar na faculdade esse ano, eu vou continuar com meu trabalho voluntário e daí eu posso a partir do 2º ano de faculdade desempenhar minha profissão, na área de exatas, e u vou prestar para matemática.

Eu comecei a ver assim quando eu me isolava das pessoas eu via que eu não participava de nada, eu era só mais uma, como todo mundo fazia. Muita gente anda circulando, vê um mendigo no meio da rua, ele é só mais um que existe no mundo todo e eu comecei a ver que eu fazia a mesma coisa, eu era só mais uma que ficava parada de braços cruzados vendo, os outros fazerem e eu não fazia nada e eu comecei a participar de alguns projetos que já tinha do grupo do SENAC mesmo.

Antes do programa eu pensava em fazer uma faculdade, mas não tinha segurança, eu tinha medo, porque eu via na tv toda aquela coisa do vestibular, aquela pressão e eu pensava pra mim isso não é possível, eu moro numa favela, o que eu vou fazer, eu não tenho como fazer um vestibular.....

(Relatos do Trabalho no Mackenzie pág 11)

..... comecei a por na minha cabeça eu vou fazer isso, isso e isso e ai comecei a ver outras faculdades....

Aquilo que era meu sonho, passou a ser um projeto. Qualquer barreira que você consegue vencer, ultrapassar é uma coisa mais.

Quando eu consegui passar nas provas de seleção do cursinho da USP, eu pensei poxa, eu pensei que não era possível e eu consegui.

Eu deixo de ser mais um para ser alguém, eu comecei a ver, poxa eu sou alguém eu existo.

Eu comecei a olhar para mim e pensava eu sou alguém, eu posso isso. A partir do momento que eu faço alguma coisa, eu vejo que aquilo está errado e eu quero mudar ??

ANEXO 4 - Questionário

Programa Educação para o Trabalho

Acompanhamento das turmas de Paraisópolis

Dados Pessoais:

Nome

Completo: _____

—

R.G.: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

1. Você está estudando? () **Sim** () **Não**

2. Se você respondeu **Sim** na questão 1, responda os itens abaixo:

O programa teve influência na sua opção por continuar ou retomar os estudos?

() **Sim** () **Não** () **Em parte**

Que Curso você está fazendo?

() Ensino Médio () Ensino Superior () Outro - Qual?

3. Se você respondeu **Não** na questão 1, assinale nas indicações abaixo as que corresponde à sua situação

() Porque já concluiu o ensino médio

() Porque o horário de trabalho é incompatível com o horário de estudo

() Outro motivo:

4. Você fez algum curso depois de sua participação no programa?

() Sim Qual?

() Não Por que?

5. Você participou ou participa de alguma atividade social comunitária?

() Sim Qual?

() Não Por que?

6. Você votou nas últimas eleições? () Sim () Não

7. Nas afirmativas abaixo, assinale sua opinião sobre o voto nas eleições:

Acredito em mudanças por meio do voto () Sim ()

Não

O voto é uma manifestação de cidadania () Sim ()

Não

O voto é uma forma de participação política () Sim ()

Não

Mudam as administrações, porém os problemas continuam () Sim ()

Não

Os políticos são todos iguais () Sim ()

Não

É importante votar () Sim ()

Não

8. Você está trabalhando atualmente?

() Sim, continuar respondendo

() Não - Por que?

() com carteira assinada

() não encontrei trabalho

() sem carteira assinada

() tenho que ajudar em casa

() em negócio da família

() pretendo terminar os estudos

primeiro

() por conta própria ou autônomo

() não tenho me saído bem na

seleção

- () trabalho temporário (fazendo bico) () não encontrei o trabalho que
procuro
- () outra - Qual? _____ () outra - Qual?

9. Qual é o seu salário ou rendimento mensal? R\$

10. Os conhecimentos desenvolvidos no Programa favoreceram para você conseguir o
emprego?

Porque?

11. Os conhecimentos e competências relacionadas à cidadania que você aprendeu ou vivenciou
no Programa Educação para o Trabalho, tiveram influência na pessoa que você é hoje?

Se sim, fale dessas influências ou

mudanças. _____

ANEXO 5 - Análise dos Questionários

- Questionários enviados/respondidos

		ENVIADOS	RESPONDIDOS	
	Manhã	16	5	31,25%
Turmas de 1998	Tarde	21	7	33,33%
	Total	37	12	32,43%
	Manhã	22	4	18%
Turmas de 1999	Tarde	25	11	44%
	Total	47	15	31,91%

Total de questionários respondidos: 27 = 32,14%

A participação ou retorno dos questionários enviados foi maior nas turmas da tarde.

As respostas dos turnos da manhã representaram 31% e 18% em 1998 e 1999, respectivamente.

O envolvimento dos alunos dos turnos vespertinos foi bem mais significativo, sendo que em 1998 33% responderam ao questionário e em 1999 44% dos alunos responderam ao questionário.

Cabe porém, observar que no conjunto a participação dos dois anos se equiparam, representando um retorno de 32% nos dois anos (1998 e 1999).

ANOS	ENVIADOS	RESPONDIDOS	%
1998	37	12	32
1999	47	15	32
TOTAL	84	27	32

TURMAS DE 1998

Questionários enviados: 37

Questionários respondidos: 12 = 32%

1. Alunos que estão estudando: 9 = 75% - os que não estão estudando já concluíram o Ensino Médio
2. Distribuição pelos cursos nos quais estão estudando:
 - Ensino Médio - 6
 - Técnico - 1

- Superior - 1
 - Outros - 1
3. Alunos que fizeram algum curso após o programa: 6 = 50%
Alunos que não fizeram algum curso após o programa: 6 = 50%
4. Participação em atividade comunitária
- SIM: 9 = 75%
 - NÃO: 3 = 25%
5. Votaram nas últimas eleições:
- SIM: 8 = 67%
 - NÃO: 4 = 33%
6. Alunos que estão trabalhando: 6 = 50%
- com carteira assinada: 2 = 17%
 - sem carteira assinada: 3 = 25%
 - autônomo: 1 = 8%
 - temporário: 1 = 8%
7. Alunos que não estão trabalhando: 6 = 50%
- não encontraram trabalho: 2 = 17%
 - pretendem terminar os estudos: 3 = 25%
 - não têm saído bem nas entrevistas: 1 = 8%

TURMAS DE 1999

Questionários enviados: 47

Questionários respondidos: 15 = 32%

1. Alunos que estão estudando: 13 = 87%
Alunos que não estão estudando, mas já concluíram o Ensino Médio: 13%
2. Distribuição pelos cursos nos quais estão estudando:
- Ensino Médio - 12 = 80%
 - Técnico -
 - Superior -
 - Pré-Vestibular - 3 = 20% (destes 13% cursam paralelo ao Ensino Médio)
3. Alunos que fizeram algum curso após o programa: 9 = 60%
Alunos que não fizeram algum curso após o programa: 6 = 40%

5. Participação em atividade comunitária

- SIM: 4 = 27%
- NÃO: 11 = 73%

4. Votaram nas últimas eleições:

- SIM: 10 = 67%
- NÃO: 5 = 33%

5. Alunos que estão trabalhando: 3 = 20%

- com carteira assinada: 1 = 7%
- sem carteira assinada/temporário: 2 = 13%

6. Alunos que não estão trabalhando: 12 = 80%

- não encontraram trabalho: 5 = 33%
- pretendem terminar os estudos: 5 = 33%
- não encontrou o trabalho que procura: 2 = 13%

(Obs. % de 1% porque todos os percentuais deram dízima de 3, ou seja, 33,33 e 13,33)

Respostas das questões 10 e 11

10. Os conhecimentos desenvolvidos no Programa favoreceram para você conseguir o emprego? Por que?

- 98.1 Sim, pois fiz estágio nessa empresa na qual estou trabalhando e desde então fui contratado pela mesma
- 98.2 Sim, porque eu conheci de certa forma o comércio, estou trabalhando nele. O curso foi importante para se relacionar com o público, tratar bem as pessoas, ser eficiente, trabalhar em conjunto, etc...
- 98.3 Com certeza, pelo fato de eu ser uma pessoa meio tímido, perdi mais a timidez após o curso do programa.
- 98.4 Sem resposta
- 98.5 Sem resposta
- 98.6 Para conseguir um emprego não, pois não fui procurar de imediato, mas para me desenvolver mais este curso me ajudou muito.
- 98.7 Sim, devido a apresentação pessoal, entrevista e dinâmica de grupo.

- 98.8 Sim, desde que terminei o programa estou neste trabalho onde eu fiz a estação de vivência.
- 98.9 Sem resposta
- 98.10 Sim, porque aprendi muitas coisas, principalmente correr atrás de informação e me preocupar com o próximo
- 98.11 Sim, porque com esses conhecimentos eu adquiri a base de como seria as coisas lá fora.
- 98.12 Me favoreceu nas entrevistas, mas como ainda não tenho condição de fazer um curso de computação não me dou muito bem para conseguir um emprego.

-
- 99.1 Sim, porque adquiri muito mais conhecimento na área de comunicação.
- 99.2 Não, pois previa um emprego de melhor categoria, pois terminei o ensino médio e hoje estou trabalhando como doméstica.
- 99.3 Sim, melhor desenvoltura, trabalho em equipe, cooperatividade e outros.
- 99.4 Não, pois não consegui emprego.
- 99.5 Sem resposta
- 99.6 Não, porque só trabalhei em casa de família.
- 99.7 Sim, porque quando falo que tenho cursos do Senac, uma porta enorme abre.
- 99.8 Sem resposta.
- 99.9 Sim, porque ajudou-me ver como funciona o mercado de trabalho e o que fazer para entrar nele.
- 99.10 Sim, porque enxergo o mundo com outros olhos, tenho conhecimentos de meus direitos e atitudes.
- 99.11 Sem resposta
- 99.12 Sim, principalmente na minha primeira entrevista, porque eu me senti mais segura com o que aprendi no curso.
- 99.13 Sim, pois através do Programa aprendi a procurar me profissionalizar, participando de cursos.
- 99.14 Sim, porque aprendi a reagir em um processo seletivo.

99.15 Sim, embora não esteja trabalhando adquiri conhecimentos que jamais esquecerei e os uso no dia a dia.

11 Os conhecimentos e competências relacionados à cidadania que você aprendeu no Programa Educação para o Trabalho, tiveram influência na pessoa que você é hoje?

Em caso afirmativo, fale dessas influências ou mudanças.

- 98.1 Não pois sempre pensei e agi da mesma maneira que hoje. Os pontos positivos que o curso me trouxe foi fazer com que eu confiasse e acreditasse sempre em mim. Acho que a minha auto estima era baixa, em compensação hoje eu reconheço que tudo aquilo que eu quero eu vou conseguir porque tenho garra e força de vontade para lutar pelos meus ideais. E nenhuma desilusão me abate acredito sempre irá existir uma solução para um problema.
- 98.2 Com certeza, este curso foi muito importante tanto para minha vida pessoal como profissional, nós tivemos uma visão muito ampla de como é o "mundo em que vivemos" e é claro que isso influenciou no nosso cotidiano, antigamente achava que se votava só por votar, mas hoje eu sei que isso (o voto) influenciou no meu dia a dia. Se eu não votar depois não vou poder reivindicar. Mas não só isso, em meu emprego trabalho muito bem em grupo, tendo sempre ajudar, trato meus patrões como amigos e às vezes dou sugestões de algumas coisas que sei que podem melhorar e ir atrás de meus ideais de meu futuro. Acho que ainda sinto um pouco de medo de correr atrás do meu futuro, talvez um pouco de timidez, talvez até preguiça. Tenho certeza que o Cláudio (o meu professor no curso) não estaria muito satisfeito lendo isso, mas é a verdade, não posso esconder. Mas vou melhorar. Vou atrás de alguns cursos e quem sabe entrar em uma faculdade. Mas obrigado a todos por tanto conhecimento e carinho.
- 98.3 Sim, com certeza melhorei minha auto estima perdi a timidez, eu era um pouco reservado, não falava muito.
- 98.4 No curso aprendi a lutar pelo que quero e diminuir a minha timidez.
- 98.5 Sim, influenciou bastante na maneira de agir, pensar. Como me comportar em entrevistas.
- 98.6 Posso afirmar que o Programa Educação para o Trabalho influenciou no sentido de "estimular-me" a fazer mais pelos outros e ao mesmo tempo crescer profissionalmente e humanamente, não se esquecendo dos deveres e direitos que tenho.
- 98.7 No programa de educação para o trabalho aprendi que toda cidadã tem direitos e se esses direitos não são respeitados temos como lutar para que sejam.
- 98.8 Sim, hoje aprendi desenvolver idéias criar coisas novas. Tenho um senso de individualidade excepcional e um sólido conhecimento adquirido através do programa educação para o trabalho.

- 98.9 Sim, com esse curso do Senac, eu passei a ver a vida e as outras coisas de outra maneira e com certeza de uma maneira melhor. E acredito que vai me ajudar muito pela frente.
- 98.10 Sim, por que tive vários caminhos abertos após o curso e achei super importantes pessoas participarem do mesmo, principalmente ser solidários com o próximo, acreditar em seus sonhos e não deixar que o desânimo atrapalhe sendo assim você é um bom cidadão.
- 98.11 Sim, hoje sou uma pessoa mais comunicativa e luto por meus direitos como cidadão.
- 98.12 Sim. Tenho uma mente ampla sobre os problemas e desafios que tenho que enfrentar para conseguir meus objetivos, e meus direitos e deveres como cidadão.
-
- 99.1 Sim, pois o curso me influenciou muito não só como lutar por nossos objetivos, como reconhecer a nossa capacidade de exercer nossa cidadania.
- 99.2 Sim, pois o primeiro emprego que encontrei foi em residência familiar e tive a conclusão que precisaria da renda para fazer o meu curso pré-vestibular e tentar a faculdade e tentar subir de nível, após o término do curso do Senac-SP, procurei emprego durante muito tempo, entreguei vários currículos e até hoje não recebi resposta alguma.
- 99.3 Comecei a pensar em meus direitos e deveres, procurando exercê-los, antes, diante da minha realidade social acreditava ter menos direitos e mais deveres. Deveras sei que sou capacitada tanto quanto os de boa realidade social.
- 99.4 Aprendi a não desanimar diante de pensamentos negativos e a ter voz e vez também.
- 99.5 Ter mais confiança em mim, nas minhas atitudes, a ter mais responsabilidades e aproveitar todas as oportunidades que aparecem na nossa vida, porque assim teremos mais conhecimentos.
- 99.6 Sim hoje sou extrovertida, mais alegre e procuro sempre ajudar e sei de coisas que mais tarde podem me ajudar bastante.
- 99.7 Eu sou muito mais elétrica, muito mais espontânea,. Muito mais eclética e por aí vai. Obrigada por se preocuparem comigo.
- 99.8 Sim, eu antigamente tinha um modo de vida completamente insignificante, depois do curso eu passei a me conhecer melhor, passei a ser alguém, uma pessoa que tem seu valor e é muito importante.
- 99.9 Sim, mesmo não estando trabalhando, uma das coisas que o curso me proporcionou foi a possibilidade de ser bem sucedida em seleção de um curso que mudou toda a minha vida.

- 99.10 Sim, porque agora eu sei que não é só o vizinho que tem o direito de resolver os problemas, mas todos de onde moramos. Se tem um problema, na minha casa quem tem que resolver é quem mora na casa. Se é na comunidade é de todos que moram nela.
- 99.11 Perdi minha timidez, aprendi a expor minhas idéias em grupo, aumentei minha auto estima, valorizar o trabalho em grupo, estar sempre atrás do melhor no campo profissional.
- 99.12 Sim, melhorou bastante a minha auto imagem, e aprimorar a minha comunicação, o que fez com que eu conseguisse me relacionar melhor com os que estão a minha volta.
- 99.13 Despertar o meu senso crítico, na saúde pública, educação, me tornei muito mais exigente, questionadora. Hoje sei os meus direitos, e não fico satisfeita quando percebo que me tratam com pouco caso, ou me desrespeitam. Sei com que me defender, sou uma pessoa mais seletiva, verdadeira, sei do meu potencial (como pessoa, cidadã e estudante). Procuro hoje estudar o quanto puder e me tornar uma profissional qualificada e competitiva.
- 99.14 Sim, pois hoje sou uma pessoa que se expressa melhor. Estimulo mais meu senso crítico e tenho uma visão desse mundo globalizado mais ampla e exerço a minha cidadania, julgo-me uma pessoa ágil e competente e acima de tudo responsável.
- 99.15 O Programa teve grande influência pois aprendi defender a ecologia (natureza), meus deveres e direitos como cidadão e a compartilhar minhas idéias com os colegas (trabalho em equipe). Se fosse possível até faria o programa novamente para absorver coisas que não consegui quando houve a oportunidade.

ANEXO 6 - Transcrição do seminário

1- Por quê você frequentou o curso?

- Porque eu sabia que o SENAC preparava jovens para o mercado de trabalho e para adquirir mais conhecimento. E também superar minhas dificuldades. (jovem 1)
- Logo de início não houve muito interesse de minha parte, porém com os conteúdos no decorrer do curso foi pintando um interesse maior.(jovem 2)
- Para facilitar na hora de procurar um emprego.(jovem 3).
- A busca de uma maior capacitação profissional; para assim estar mais preparada para o mercado de trabalho. Ao saber sobre o curso me pareceu interessante, isso de trabalhar em grupo o que é muito válido. Mais o principal motivo foi a busca de uma maior capacitação profissional.(jovem 4).
- De início o objetivo era conseguir um emprego, mas com o tempo foi mais para obter conhecimento.(jovem 5).
- Para obter uma informação maior de como ingressar no mercado de trabalho.(jovem 6).
- Porque sempre gostei de aprimorar meus conhecimentos e para conseguir algo melhor na vida e no mercado de trabalho.(jovem 7).
- Sinceramente eu frequentei o programa para adquirir mais conhecimento, e Ter mais oportunidades no mercado de trabalho.(jovem 8).
- Talvez pelo nome, mas depois vi que havia mais porque tenho muita coisa que pude aproveitar e aprender.(jovem 9).
- Para tirar dúvidas e desenvolver-me melhor, tendo alguma noção do é mercado de trabalho.(jovem 10).
- Experiência para o mercado de trabalho e como lidar com pessoas,(me desinibir) conviver bem. (jovem 11).
- Para me aprimorar, obter maiores conhecimentos, facilitando a minha entrada no mercado de trabalho. (jovem 12).

2-A participação no Programa ocasionou mudança na sua vida?

- Mudou muitas coisas como por exemplo: eu aprendi a escutar as pessoas

, ser mais tolerante, habilidosa e responsável e mudou também porque eu tive uma participação no Projeto Aprendiz, onde nós desenvolvemos páginas na Internet entre outras coisas onde também aprendi várias coisas legais, foi uma lição de vida tanto no SENAC com o Projeto Aprendiz. (jovem 1).

- Tudo, quem me conhecia antes do SENAC e durante o curso não acreditava que eu mudaria um dia, dei muito trabalho para minha monitora. Mais sai do curso com um conhecimento maior e mais descingida.(jovem 2).
- Em minha vida mudou minha maneira de se expressar em relação ao mercado de trabalho, ser mais responsável e objetiva.(jovem 3).
- Tive mais conhecimentos e preni a me comunicar mais com as pessoas, pois antes do curso eu era muito tímida. (jovem 4).
- Influenciou bastante principalmente no que diz respeito ao profissional que devemos ser, não basta ser mais um e sim o profissional; além de aumentar a atenção e os cuidados com a sociedade e o trabalho que desenvolvemos nela.(jovem 5).
- Eu consegui ser mais participativa e comunicativa em relação ao trabalho ou convívio com grupos.(jovem 6).
- Meu jeito de lidar com os clientes, saber me comportar em situações constrangedoras diante do cliente.(jovem 7).
- Tudo. Na maneira de agir, de me comportar. O programa me preparou me fez enxergar os meus valores. A respeitar as pessoas.(jovem 8).
- Mudou muito, pois eu obtive mais conhecimentos em relação ao mercado de trabalho, também teve grande influência na minha vida, como não desistir tão fácil, e ser mais persistente nos meus objetivos.(jovem 9).
- Talvez meu modo de pensar; eu vi que o mundo era bem mais amplo do que pensava eu vi em minha frente a oportunidade de participar de um programa cujo era minha cara. (jovem 10).
- Eu tenho mais facilidade para me expressar, e uma visão mais ampla do mundo.(jovem 11).
- Primeiro de tudo quando estamos a procura de um serviço o curso influência muito por ser bem sucedido e conhecido. Ficou mais fácil para lidar com as pessoas, conversar com seriedade, e saber lidar numa entrevista de trabalho.(jovem 12).

O que você sugere com relação ao Programa?

- Eu sugiro que o programa volte para Paraisópolis pois aqui tem muitos jovens que precisam de um curso como o nosso e que o SENAC oferece algum tipo de apoio, porque após o curso ficou muito difícil arrumar um emprego mesmo com o curso. Gostaria também que o SENAC oferecesse novos cursos em Paraisópolis.(jovem 1)
- Bom, eu sugiro que tenha mais cursos na área de informática, e uma carga horária maior, pois foi muito pouco.(jovem 2)
- Eles deveriam falar a realidade infelizmente nós menos beneficiados "não temos muitas chances de faculdade ou trabalho bom!..Porque depois que terminamos o colegial para fazer cursinhos precisamos trabalhar e óbvio ganhar bem para pagar e óbvio que não teríamos tempo para dedicar ao estudo.(jovem 3)
- Que tenha continuidade, que outros jovens tenham a oportunidade que tivemos.(jovem 4)
- Aumentar as cargas horárias de computação e da estação de vivência.(jovem 5)
- O Programa sempre teve um contexto muito bom, porém é sempre melhor está inovando. Gostaria que surgissem novos cursos comunitários onde poderíamos estar nos comprometendo a sempre irmos atrás do que queremos, seria um incentivo e tanto.(jovem 6)
- Na verdade não sei o que sugerir, o curso do SENAC me ajudou muito em todos os sentidos.(jovem 7)
- Que o Programa volte. Principalmente no Paraisópolis onde os jovens necessitam muito de cursos como esses. Onde eles são preparados para o mercado de trabalho. Infelizmente eles tem muita dificuldade para conseguir primeiro emprego.(jovem 8)
- O curso foi amplo, mas fora dele as coisas continuam iguais e mais difíceis.(jovem 9)
- O curso como um todo foi maravilhoso, mas eu sugiro que seja mais prático, pois foi muito teórico. O estágio só fizemos no final do curso. E deveria surgir mais cursos como o de telemarketing, inglês, etc.(jovem 10)
- Que ele tenha uma dimensão mais ampla sobre a tendência das novas profissões.(jovem 11)
- O Programa em si é maravilhoso.(jovem 12)

SEMINÁRIO TRANSCRIÇÃO DAS FALAS

Principal - ampliar seus conhecimentos com relação ao profissional que está ingressando no mercado de trabalho. Por sermos iniciantes, trazer também uma maior segurança, para estar embarcando nessa.

A maioria colocou que o objetivo primeiro foi facilitar para abrir porta no mercado de trabalho. Adquirir conhecimento, preparar melhor, tudo isso para abrir porta, ampliar oportunidade de trabalho. A medida que iam se aperfeiçoando, iam adquirindo mais conhecimento iam estar mais preparados para enfrentar o mercado.

2ª pergunta:

- muitas pessoas tinham dificuldades de se expressar, outros eram tímidos, não falavam o que pensavam, o que achavam e se expressar melhor. Foi o que mudou bastante, porque muitas no meu grupo eram tímidas, não falavam, muitas desistiam por vaga de emprego porque tinham muita vergonha de se expressar e teve bastante disso no grupo que eu fiquei, desenvolveu muito.

- Eu era muito assim, meio que a sabe tudo, eu era muito firme comigo mesmo, e tive que aprender ouvir os outros, tive que aprender ser mais humilde, prestar mais atenção nos outros, que eu não era o centro.

- Durante o curso nós fizemos várias visitas a empresas e a gente chegava lá e a gente via que a maioria das pessoas tinham curso universitário e assim não sei se nos outros, mas pelo menos em mim crescia aquela vontade de fazer uma faculdade, de me interessar mais por isso. Passei até a estudar mais atrás de uma bolsa que estava tendo no colégio, para faculdade. Tanto é que eu consegui a bolsa, mas não pude cursar porque minha faculdade era 900 reais e a bolsa só paga 500. Passei na UNIP e na UNISA. No curso de fisioterapia. Mas só que como meus pais não tinham mais os outros quinhentos para pagar, para inteirar, eu tive que desistir da bolsa e vou prestar vestibular de novo no final do ano.

- O curso ajudou, né. Mas tem uma barreira, é como ela disse, a gente vai terminar o colegial, mas e o depois. Se quiser fazer um cursinho tem que trabalhar, só que automaticamente você trabalhando, não vai ter tempo de estudar, porque automaticamente você vai estar cansada, então não dá para você ficar ali só no estudo, só no estudo, só no estudo. É difícil pra caramba.

- Sabe porque que tem uma barreira, porque você trabalhar você tem que ganhar bem, pra você pagar o cursinho e pra você ganhar bem, você tem que trabalhar mais, né? E o que acontece.

- Eu também acho assim, igual você, mas que quando a gente quer alguma coisa não importa o cansaço, não importa nada. Sabe porque eu falo isso. Minha tia tinha dois filhos, ela trabalhava à noite no Hospital das Clínicas e fazia faculdade de dia. Então quer dizer ela chegava às seis horas da manhã ia para a faculdade, que era a maior contra mão pra ela, porque era lá em São Mateus, era fazia faculdade na UNIBAN. Ficava muito tempo sem dormir. Vinha para casa, tinha que estudar, tinha que dormir, porque prova de faculdade era super difícil. Entendeu ainda para quem estava trabalhando. Mas ela alcançou o objetivo dela, que ela terminou a faculdade esse ano. Então quer dizer se ela não fosse atrás do que ela queria, se ela não tivesse força de vontade ela não ia conseguir nada* entendeu. Quer dizer passou por cima do sono. Por cima da preguiça, passou por cima de tudo. Mas foi atrás, hoje ela conseguiu, hoje ela já tem tudo na vida dela, porque ela foi atrás do que ela queria.

- Assim que eu acho eu vinha para o curso, até hoje se a gente vê assim uma palestra, uma coisa assim, não sei se vocês são assim, mas eu sou assim. Agente vai num lugar, agente vê assim uma pessoa com uma faculdade boa, uma vida boa, uma vida estável, a gente fala assim, ah! Eu quero ser assim desse jeito, eu vou estudar. Quando chega no colégio é uma baderna, a gente perde até as esperanças.
- Eu pelo menos eu sou assim, entendeu.... A gente está aqui conversando e aí da aquela vontade, se Deus quiser eu ainda vou conseguir, vou cursar uma faculdade de nutrição. Agora em abril eu vou prestar uma prova pro curso técnico de nutrição e dietética lá no Brás. Depois eu explico pra vocês também, se vocês quiserem, eu dou o endereço. E se Deus quiser eu vou cursar e tudo, vou conseguir. Eu falo eu vou estudar; quando eu vou pro colégio, começa aquela baderna. Eu não sei se com vocês é assim, mas comigo é assim. Então a gente teria que fazer o que pagar um curso e tudo. Tem que fazer o máximo pra gente conseguir o que a gente quer.
- Se a gente não trabalha, não tem como estudar!..
- A gente precisa dos dois, de um bom trabalho e da faculdade. Porque se a gente só trabalha, a gente precisa da faculdade. Se a gente não trabalha, com que a gente vai pagar a faculdade, não tem como!.. não tem.... a gente precisa dos dois.
- E como que arranja um bom trabalho sem Ter faculdade?
- Não dá de jeito nenhum.
- A gente trabalhando, a gente estuda só até o colegial. Tem gente aí que tem faculdade e está mais difícil aí de arrumar um trabalho bom! Imagine a gente que tem só colegial!...
- Tem gente que tem diploma e não arruma trabalho nenhum.

Mas então voltando àquele ponto! Quem gostaria de falar um pouquinho, se o Programa influenciou para vocês valorizarem o estudo? Isso que vocês estão faltando..."tem que estudar para ter melhor emprego, tem que estudar para chegar a um ponto melhor, melhorar a condição de vida"?

- Foi! Tem que estudar, não desistir em hipótese alguma dos estudos, tem que continuar, porque tem gente que desiste.
- Porque você termina o colegial, por mais que você tenha dificuldade, você tem que continuar lutando, porque tem muita gente que desiste. Você termina o colegial por mais que você tenha dificuldade, você tem que continuar lutando porque tem muitas pessoas que desistem. Termina o colegial e não corre atrás para fazer uma prova ou um cursinho tem que correr atrás.
- A USP tem o cursinho da Poli e o APROVE. O cursinho APROVE tem aulas só aos sábados que é integral e você paga quarenta e cinco reais por mês. Ou então você pode optar por estudar durante a semana nos três horários.
- E durante a semana é lá na Lapa.
- Não o cursinho do APROVE é aqui na USP, são professores excelentes, eu fiz o ano passado, eu só não vou fazer esse ano porque não tenho condição de bancar.(sem compreensão vários falaram ao mesmo tempo).Oh!... Olha a diferença da classe média eles não precisam trabalhar, os pais estão trabalhando ali em busca de que, dos filhos se formarem e a gente não. A gente se quiser, a gente tem que ir e tem que fazer os dois, entendeu, então é muito mais difícil pra gente. Eles estudam, estudam, estudam vão lá e tomam nossas vagas todas da

USP. E a gente não tem tempo de estudar, por isso que é muito mais difícil pra gente. Ele estudam, estudam, estudam vão lá e tomam nossas vagas todas da USP. E agente não tem tempo de estudar, por isso que é muito mais difícil. Tem um monte de amigo meus prestando vestibular, mas não conseguem passar, porque tem que fazer os dois. Chega lá super cansado, chega lá sabe, num consegue se concentrar.

- Uma coisa que ficou para mim no curso é que esse estudar não vai só a escola, a lousa, o giz, vai um pouco mais além de você também ler mais, é..jornais, revistas, ler bons livros, mesmo isso também é estudar. Não depende só da escola.

Então isso também foi passado no curso?

- Foi, foi..(várias falas ao mesmo tempo)
- Olha só o Colégio Santo Américo, vocês conhecem o Colégio Santo Américo. Uma mensalidade no Colégio Santo Américo é um mil e setecentos reais. Um pai que paga um mil e setecentos reais para um filho estudar numa escola particular, pode pagar uma faculdade para o filho, e até mais barato ainda por cima. Mas só que eles não; eles pagam seiscentos e pouco. O Anglo por ano é nove mil e setenta e dois reais, eu andei me informando, então para você estudar no Anglo por ano você paga isso. É uma meta que você tem que alcançar lá dentro. Um cara que faz o Anglo, ele entra na USP, porque estuda numa escola particular que prepara ele para a faculdade pública, faz um curso super caro e muito bem valorizado que é o Anglo. Ele só pode entrar numa faculdade pública.
- **A diferença não é só pagar ou não pagar. Poderia estar em uma escola pública de boa qualidade? Vocês querem também é apontar a diferença de qualidade entre a escola particular e a pública? Vocês sentem isso?**
- O ensino acho que é normal, o ensino de todas escolas públicas, acho que...porque.
- **Thaís você acha que o ensino da escola pública tem a mesma qualidade, do ensino do Santo Américo, ou da escola particular?**
- Vai depender do aluno, entendeu vai depender do aluno.
- **Você acha que depende do aluno, estão são iguais quanto à qualidade! Vocês concordam?**
- Não. Não é mesmo. (vários falaram ao mesmo tempo).
- Totalmente inferior. Não é só o do Santo Américo, isso de qualquer escola particular. A diferença é que o governo estragou o ensino. Se você for na década de setenta, a rede pública era bem melhor do que a rede particular, isso não tem nem comparação.
- **O que você acha que ficou pior? A qualificação do docente, as instalações?**
- Não, não tem recurso 9 várias falas).
- Não tem recurso as instalações são piores. Muitos professores não estão preparados para dar aulas. As explicações são mínimas. A gente passa de ano sem aprender muita coisa, às vezes na escola a gente não aprende tudo que tem que aprender. Não há apostilas, livros, faltam muitos materiais, não tem laboratório.
- Às vezes tem o laboratório e não tem equipamento. Falta muita coisa.
- A particular está na frente de tudo. A gente tem menos aulas, eles têm mais aulas.
- Eles têm mais aula do que a gente. A gente só tem o básico.

- (...) Está todo mundo bagunçando, o professor não está lá, mas está todo mundo bagunçando. Por que? Porque não é paga, é pública.
- **Falaram de equipamentos, instalações, carga horária, professor mal preparado. Agora eu pergunto e o modo como a aula era dada, as atividades como eram desenvolvidas, a metodologia, falem sobre isso. Todos aqui estudaram na escola pública?**
- Eles deveriam colocar coisas que chamassem mais a atenção dos alunos. Às vezes a professora está ali morta, mortas, fica falando devagarinho, todo mundo dorme na aula.
- Uma aula de química que é dada num laboratório, é muito diferente de uma que você tem na sala de aula. Logo que eu estava fazendo o primeiro ano colegial, nós tivemos uma primeira aula de química no laboratório, daí eu estava pensando, agente tinha todos os equipamentos usados, os utensílios, só que a gente não tinha material para fazer as experiências maiores. Aquela aula foi diferente, eu me lembro de tudo que aconteceu naquela aula.
- **E não teve outra assim?**
- Não teve, porque depois era mais experiências e não tinham algumas substâncias, não tinha material.
- É lógico, tudo na prática a gente aprende.

7 Fotos da favela de Paraisópolis

